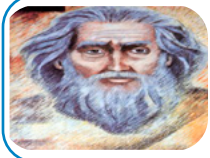


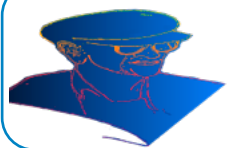
Edição 339 | Junho- Julho /2023



Fala, Irmão José!
Servir
Pág 02



Abrindo Janelas
Relacionamentos Fraternos...Ou Não
Palestrante: Mayse Braga
Pág 02



Espaço Chico Xavier
A Terapêutica Da Prece
Pág 03



O que Disse Kardec?
O Espiritismo é Uma Religião?
Pág 04



Filosofia e Espiritismo
A Filosofia Espírita e Seus Aspectos Sociais
Pág 09



Psicologia Espírita
por Joanna de Ángelis
Necessidade de Valorização
Pág 12



O Livro dos Espíritos
Sob a Ótica Filosófica de Miramez
Unões Antipáticas
Pág 13



Dicas de Leitura
Causa e Origem de Nossos Males
Pág 15



Para Reflexão
A Educação do Espírito
Pág 15



Instruindo-se com Revista Espírita
Progresso Intelectual e Moral
Pág 16



Você Sabe Quem foi?
Ernesto Bozzano
Pág 17



Desvendando o Evangelho
Segundo o Espiritismo
Não Vim Trazer a Paz,
Mas a Espada
Pág 18



Ciência e Espiritismo
Evolução Centrada nos Genes
Pág 20



Aprofundando o
Conhecimento das Leis Divinas
Lei de Justiça, Amor e Caridade
Pág 22



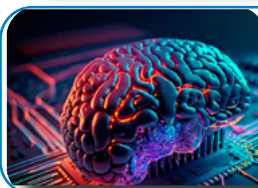
Obras Básicas em Foco
A Gênese
Céu e Inferno: A Obra Básica
Esquecida
Pág 23



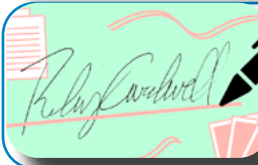
Os Tempos São Chegados, Mas
Que Tempos São Esses?
Pág 25



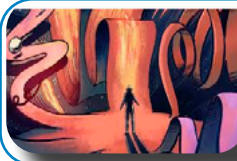
O Nada e A Vida Futura
Pág 26



Inteligência Artificial e
Espiritismo
Pág 29



A Questão das Assinaturas
dos Espíritos
Pág 31



O Cunho da Virtude ou do Vício
Pág 35



Nova Acrópole: Palestras gratuitas sobre virtudes.

Pág 36

Dica de Livro: - Filhos Saudáveis: Auto-Estima, Auto-Imagem e Autoconfiança.

Pág 36

Para a Criançada: Férias de Julho- Destinos São Paulo

Pág 37

Normose: o que é ser normal, afinal?

Pág 37

Palavra em Prosa e Verso - Paulo Leminski -

Pág 40

Trecho do livro: A morte é um dia que vale a Pena - Ana Claudia Q. Arantes

Pág 40

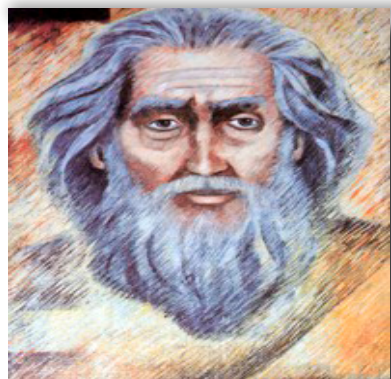
“Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e porque está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da Lei de Deus e consola pela fé e pela esperança .”

(Allan Kardec - ESE - Cap 6 - Ítem 4)

O IDEM tem como missão levar ao leitor artigos, textos e mensagens com base nos princípios espíritas, trazendo temas atuais para que possamos refletir se realmente estamos vivenciando os ensinamentos deixados por Jesus, nosso Mestre e Guia.

Se você tem críticas, sugestões de melhorias ou assuntos que gostaria de ver em nosso informativo, entre em contato através do email: idem@geedem.org.br

Leia e ajude a divulgar o IDEM!



Fala, Irmão José!

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDEM, enseja-nos reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.

Servir

Ninguém muda hábitos, sem mudar o que pensa.

No entanto, para que o homem mude por dentro, os estímulos vêm de fora da periferia para o centro.

Toda conquista é fruto da perseverança.

A experiência, sem que seja exaustivamente repetida, não se automatiza.

Não há, por exemplo, quem nasça já sabendo amar.

Se o corpo é uma construção milenar da Natureza, com o espírito não há-de ser diferente.

De início, a virtude do perdão é mais afet à inteligência do que ao sentimento.

Jesus nos perdoou por amor, mas nós, os homens, quando mutuamente nos perdoamos, ainda o fazemos por conveniência à felicidade pessoal.

Sem que se exercite na bondade, ninguém se tornará bom.

Servir - eis a melhor escola de iniciação para o espírito que já tomou consciência de sua necessidade de aperfeiçoar-se.

Fonte: Livro *Os Três Passos do Autoconhecimento* (Carlos Baccelli/ Irmão José)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Abrindo Janelas

Espaço dedicado a palestras de expositores, alguns pouco conhecidos nacionalmente no meio espírita, porém com explanações relevantes e pertinentes que vale a pena conhecer.

Palestrante: **Mayse Braga**

Tema: **Relacionamentos fraternos... ou não.**

Assista na íntegra:

<https://www.youtube.com/watch?v=BA6PR02eIMw>

“Reformule o seu conceito de si mesmo. Você não é um pobrezinho abandonado no mundo. Os próprios vermes são protegidos pelas leis naturais. Por que motivo só você não teria proteção? Tire da mente a ideia de pecado e castigo. O que chamam de pecado é o erro, e o erro pode e deve ser corrigido. Corrija-se.”

PIRES, J. Herculano. *A Obsessão, O Passe, A Doutrinação*.



Chico Xavier, por meio de sua mediunidade excepcional, decodificou os ensinamentos espíritas transmitindo as idéias e interpretações dos Espíritos orientadores. Ele foi um exemplo de edificação moral, pelo conhecimento e vivência do Evangelho. Mostrou a todos nós como será a humanidade do futuro: portadora de conhecimento intelectual e moral.

A Terapêutica Da Prece

No tratamento da obsessão é necessário salientar a terapêutica da prece como elemento valioso de introdução à cura. Não ignoramos que a psiquiatria, nova ciência do mundo médico, apesar de teorizada nos hospícios, somente corporificou-se na prática que a define, nos campos de guerra do século presente. Chamados ao pronto-socorro das retaguardas, desde o conflito russojaponês, os psiquiatras esbarram com numerosos problemas da neurose traumática, identificando as mais estranhas moléstias da imaginação e usando a palavra de entendimento e simpatia como recurso psicoterápico de incalculável importância.

Por isso, dispomos, atualmente, na moderna psicanálise, da psicologia do desabafo como medicação regeneradora. A confissão do paciente vale por expulsão de resíduos tóxicos da vida mental e o conselho do especialista idôneo age por doação de novas formas-pensamento, no amparo do cérebro enfermeiro.

Invocamos semelhante apontamento para configurar na luta humana verdadeiro combate evolutivo em milhares de almas caem diariamente nos meandros das próprias complicações emocionais, entrando, sem perceber, na faixa das forças inferiores que, a surgirem de nosso passado, nos espreitam e geram em nosso prejuízo dolorosos processos de obsessão, retardando-nos o progresso, por intermédio dos pensamentos desequilibrados com que se justapõem à nossa vida íntima.

É por essa razão que vemos, tanto nos círculos terrestres, como nas regiões inferiores da vida espiritual, as enfermidades-alucinações que se alojam na mente, ao comando magnético dos poderes da sombra, com os quais estejam em sintonia.

E a técnica das inteligências que nos exploram o patrimônio mento-psíquico, baseia-se, de maneira invariável, na comunhão telepática, pela qual implantam naqueles que lhes acendem ao domínio as criações mentais perturbadoras, capazes de lhes assegurar o continuísmo da vampirização.

Atentos, assim, à psicogênese desses casos de desarmonia espiritual, quase sempre formados pela influência consciente ou inconsciente das entidades infelizes, desencarnadas ou encarnadas, que se os associam à experiência cotidiana, recorramos à prece como elemento de ligação com os Planos Superiores, exorando o amparo dos Mensageiros Divinos, cujo pensamento sublimado pode criar, de improviso, novos motivos mentais em nosso favor ou em favor daqueles que nos propomos socorrer.

Não nos esqueçamos de que possuímos na oração a nossa mais alta fonte de poder, em razão de facilitar-nos o acesso ao Poder Maior da Vida. Assim sendo, em quaisquer emergências da tarefa assistencial, em nosso benefício ou em benefício dos outros, não olvidemos o valor da prece em terapia, recordando a sábia conceituação do Apóstolo Tiago, no versículo 16 do capítulo 5 em sua Epístola Universal: - **“Orai uns pelos outros, afim de que sareis, porque a prece da alma justa muito pode em seus efeitos.**

Dias Da Cruz

Fonte: Livro *À Luz Da Oração* (Chico Xavier - Espíritos diversos)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Para ler as edições anteriores do IDEM, acesse o link abaixo:

<https://www.geedem.org.br/edicoes-anteriores>



O Espiritismo é uma religião?

Leitura do projeto de modificações a introduzir no regulamento da Sociedade.

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar aos nossos irmãos que deixaram a Terra, um testemunho particular de simpatia; para continuar as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós em vida, e para chamar sobre eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunirmos? Não podemos fazer, cada um em particular, o que nos propomos fazer em comum? Qual a utilidade que pode haver em se reunir assim num dia determinado?

Jesus no-lo indica pelas palavras citadas no alto. Essa utilidade está no resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com o mesmo objetivo.

Mas compreendemos bem todo o alcance da expressão: Comunhão de pensamentos? Seguramente, até este dia, poucas pessoas dela tinham feito uma ideia completa. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas pelas leis que nos revela, vem novamente nos explicar a causa, os efeitos e o poder dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento é uma força, mas é uma força puramente moral e abstrata? Não, pois do contrário não compreenderíamos certos efeitos do pensamento, e ainda menos a comunhão do pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria: sem o pensamento, o espírito não seria espírito. A vontade não é atributo especial do espírito, é o pensamento que atingiu um certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se ele tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quão maior não deve ser essa força sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Podemos dizer, portanto, com plena certeza, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembleia é um foco onde se irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos em que cada um produz a sua nota. Resulta daí uma porção de correntes e de eflúvios fluídicos, cada um dos quais recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão será agradável; se for discordante, a impressão será penosa. Ora, para isso não é preciso que o pensamento seja formulado em palavras; a radiação fluídica não deixa de existir pelo fato de ser ou não ser expressa; se todas forem benevolentes, todos os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e sentir-se-ão à vontade; mas se se misturarem alguns pensamentos maus, produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que experimentamos numa reunião simpática; aí como que reina uma atmosfera moral salubre, onde respiramos à vontade; daí saímos reconfortados, porque ficamos impregnados de eflúvios fluídicos salutares. Assim se explicam, também, a ansiedade, o mal-estar indefinível que sentimos num meio antipático, em que pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, assim, uma espécie de efeito físico, que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia dar a compreender. O homem o sente instintivamente, porquanto ele procura as reuniões onde sabe que encontra essa comunhão. Nessas reuniões homogêneas e simpáticas ele adquire novas forças morais; poder-se-ia dizer que ele aí recupera as perdas fluídicas que ocorrem diariamente pela radiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão dos pensamentos, junta-se um outro que é a sua consequência natural, e que importa não perder de vista: é o poder que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto de pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, há, numa reunião onde reina uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva que nem sempre possui um indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, o que depende da imperfeição da natureza humana na Terra. Quanto mais numerosas são as reuniões, mais aí se misturam elementos heterogêneos que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como grãos de areia numa engrenagem. Não é assim nos mundos mais adiantados, e tal estado de coisas mudará na Terra, à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Vimos o efeito dessa comunhão de homem a homem; o Espiritismo nos prova que ele não é menor dos homens para os Espíritos, e vice-versa. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos; assim, vemos que a tática destes últimos é impelir para a divisão e para o isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, segundo o axioma: A união faz a força, axioma verdadeiro tanto do ponto de vista moral quanto do físico.

Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada. Sua influência salutar não encontrará obstáculos; não sendo os seus eflúvios fluídicos detidos por correntes contrárias, espalhar-se-ão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos te-los-ão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em proveito de todos, conforme a lei da caridade. Esses eflúvios descerão sobre eles em línguas de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre o mundo visível e o mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, por isto mesmo são mais poderosas para o proveito das massas, como para o dos indivíduos. Numa palavra, estabelecem a solidariedade, que é a base da fraternidade. Ninguém trabalha para si só, mas para todos, e trabalhando por todos, cada um aí encontra a sua parte. É isto que o egoísmo não entende.

Graças ao Espiritismo, compreendemos, então, o poder e os efeitos do pensamento coletivo; entendemos melhor o sentimento de bem-estar que experimentamos num meio homogêneo e simpático; mas sabemos igualmente que o mesmo se dá com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benévolos que para eles se elevam como uma nuvem de perfume. Os que são felizes experimentam uma alegria ainda maior por esse concerto harmonioso; os que sofrem sentem um maior alívio.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que elas devem e podem exercer toda a sua força, porque o objetivo deve ser o desprendimento do pensamento das injunções da matéria. Infelizmente, a maioria se afasta desse princípio, à medida que fazem da religião uma questão de forma. Disso resulta que cada um fazendo consistir seu dever na realização da forma, julga-se quite com Deus e com os homens quando praticou uma fórmula. Resulta, também, que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e o mais das vezes sem nenhum sentimento de confraternidade em relação aos outros assistentes; ele está isolado em meio à multidão, e não pensa no Céu senão para si mesmo.

Certamente não era assim que entendia Jesus quando disse: “Quando diversos de vós estiverdes reunidos em meu nome, eu estarei entre vós.” Reunidos em meu nome quer dizer com um pensamento comum, mas não podemos estar reunidos em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, palavras e obras. Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os reconhece como seus discípulos.

Em seu radicalismo, pensam que seria melhor construir hospícios do que templos, porque o templo de Deus está em toda parte; porque Deus pode ser adorado em toda parte; porque cada um pode orar em sua própria casa e a qualquer hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugares de refúgio.

Mas pelo fato de terem cometido abusos; de terem se afastado do reto caminho, segue-se que não existe o caminho reto e que tudo aquilo de que abusam seja mau? Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos que deve ser a essência das assembleias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Concebemos que os materialistas professem semelhantes ideias, porque eles, em todas as coisas, fazem abstração da vida espiritual, mas da parte dos espiritualistas, e mais ainda dos espíritas, seria um contrassenso. O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo. Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, muito largamente dotados pelo coração, para que sua fé e sua caridade não necessitem ser reaquecidas num foco comum, é possível, mas assim não se dá com as massas, às quais é preciso um estimulante, sem o qual elas poderiam deixar-se dominar pela indiferença. Além disto, qual o homem que poderia dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender em relação aos seus interesses futuros, e suficientemente perfeito para dispensar conselhos na vida presente? É ele sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; à maioria deles são necessários ensinamentos diretos em matéria de Religião e de Moral, como em matéria de Ciência. Sem dúvida esse ensinamento pode ser dado por toda parte, sob a abóbada do céu como sob a de um templo, mas por que não teriam os homens lugares especiais para os negócios do Céu, como os têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembleias religiosas, como têm assembleias políticas, científicas e industriais? Aqui está uma bolsa onde se ganha sempre, sem que ninguém perca. Isto não impede as fundações em proveito dos infelizes, mas nós acrescentamos que quando os homens compreenderem melhor seus interesses do Céu, haverá menos gente nos hospícios.

Se as assembleias religiosas, nós falamos em geral, sem alusão a qualquer culto, muitas vezes se afastaram do objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino que aí é dado nem sempre seguiu o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não progridem todos ao mesmo tempo; o que eles não fazem num período, fazem-no em outro; à medida que se esclarecem, veem as lacunas que existem em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau da civilização, torna-se insuficiente num estado mais adiantado, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; que ele marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não peçamos a uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as ideias amadureçam para serem colhidos os frutos. Além disto, saibamos fazer as concessões necessárias nas épocas de transição, porque nada, na Natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a comunhão de pensamentos; é que, com efeito, a palavra religião quer dizer laço. Uma religião, em sua acepção ampla e verdadeira, é um laço que religa os homens numa comunhão de sentimentos, de princípios e de crenças. Consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É neste sentido que se diz: a religião política; entretanto, mesmo nesta acepção, a palavra religião não é sinônima de opinião; implica uma ideia particular: a de fé conscienciosa; eis por que se diz também: a fé política. Ora, os homens podem alistar-se, por interesse, num partido, sem ter fé nesse partido, e a prova é que o deixam sem escrúpulo, quando encontram seu interesse alhures, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; ele persiste à custa dos maiores sacrifícios, e a abnegação dos interesses pessoais é a verdadeira pedra de toque da fé sincera. Contudo, se a renúncia a uma opinião, motivada pelo interesse, é um ato de desprezível covardia, é respeitável, ao contrário, quando fruto do reconhecimento do erro em que se estava; é então um ato de abnegação e de bom-senso.

Há mais coragem e grandeza em reconhecermos abertamente que nos enganamos, do que persistirmos, por amor-próprio, no que sabemos ser falso, e para não darmos um desmentido a nós mesmos, o que acusa mais teimosia do que firmeza, mais orgulho do que bom-senso, mais fraqueza do que força. É mais ainda: é hipocrisia, porque queremos parecer o que não somos; além disso é uma ação má, porque é encorajar o erro por nosso próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não apenas o fato de compromissos materiais que podemos romper à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito.

O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre as pessoas que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se assim é, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as mais sólidas bases: as próprias leis da Natureza.

Por que, então, temos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da ideia de culto; porque ela desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se quiserem, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; ele não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião pública se levantou.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor as pessoas inevitavelmente ter-se-iam equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é, com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que elas se ocupam. Pode-se mesmo, na ocasião, fazer preces que em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que por isto as tomem por assembleias religiosas. Não penseis que isto seja um jogo de palavras; a nuance é perfeitamente clara, e a aparente confusão é devida à falta de um vocábulo para cada ideia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os espíritas? Eles não estão unidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória; qual o sentimento no qual se devem confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para com todos, ou, por outras palavras: o amor ao próximo, que compreende os vivos e os mortos, pois sabemos que os mortos também fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo. Ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; eis por que podemos dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, cujo inteiro alcance deve ser bem compreendido, e se os Espíritos não cessam de pregá-la e defini-la, é que provavelmente eles reconhecem que isto ainda é necessário.

O campo da caridade é muito vasto. Ele compreende duas grandes divisões que, na falta de termos especiais, podemos designar pelas expressões: caridade beneficente e caridade benevolente. Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais de que se dispõe; mas a segunda está ao alcance de todos, tanto do mais pobre quanto do mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nada, além da vontade, poderia colocar limites à benevolência.

O que é preciso, então, para praticar a caridade benevolente? Amar ao próximo como a si mesmo: ora, se amarmos ao próximo como a nós mesmos, amá-lo-emos muito; agiremos para com os outros como gostaríamos que os outros agissem para conosco; não desejaremos nem faremos mal a ninguém, porque não gostaríamos que no-lo fizessem.

Amar ao próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, numa palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar aos seus inimigos e retribuir o mal com o bem; é ser indulgente para com as imperfeições de seus semelhantes e não procurar o cisco no olho do vizinho, quando não vemos a trave que temos no nosso; é cobrir ou desculpar as faltas dos outros, em vez de nos comprazermos em pô-las em relevo por espírito de maledicência; é, ainda, não nos fazermos valorizar à custa dos outros; não procurarmos esmagar a pessoa sob o peso de nossa superioridade; não desprezarmos ninguém por orgulho.

Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é palavra vã; é a caridade do verdadeiro espírita como do verdadeiro cristão, aquela sem a qual quem diz: Fora da caridade não há salvação, pronuncia sua própria condenação, tanto neste quanto no outro mundo.

Quanta coisa haveria a dizer a tal respeito! Quantas belas instruções nos dão os Espíritos incessantemente! Sem o receio de alongar-me e de abusar de vossa paciência, senhores, seria fácil demonstrar que, em se colocando no ponto de vista do interesse pessoal, egoísta, se preferirdes, porque nem todos os homens estão maduros para uma completa abnegação para fazer o bem unicamente por amor do bem, digo que seria fácil demonstrar que eles têm tudo a ganhar em agir deste modo e tudo a perder agindo diversamente, mesmo em suas relações sociais; depois, o bem atrai o bem e a proteção dos bons Espíritos; o mal atrai o mal e abre a porta à malevolência dos maus. Mais cedo ou mais tarde o orgulhoso será castigado pela humilhação, o ambicioso pelas decepções, o egoísta pela ruína de suas esperanças, o hipócrita pela vergonha de ser desmascarado. Aquele que abandona os bons Espíritos por estes é abandonado e de queda em queda se vê, por fim, no fundo do abismo, ao passo que os bons Espíritos erguem e amparam aquele que, nas maiores provações, não deixa de confiar na Providência e jamais se desvia do reto caminho, aquele, enfim, cujos secretos sentimentos não dissimulam nenhum pensamento oculto de vaidade ou de interesse pessoal. Então, de um lado, ganho assegurado; do outro, perda certa; cada um, em virtude de seu livre-arbítrio, pode escolher os riscos que quer correr, mas não poderá queixar-se senão de si mesmo pelas consequências de sua escolha.

Crer num Deus todo-poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na preexistência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento intelectual e moral; na perfectibilidade dos mais imperfeitos seres; na felicidade crescente com a perfeição; na equitável remuneração do bem e do mal, conforme o princípio: a cada um segundo as suas obras; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada pela da imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provações, em vista do futuro mais desejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, palavras e obras na mais larga acepção da palavra; esforçar-se todos os dias para ser melhor que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da Ciência a revelação das leis da Natureza, que são as leis de Deus: eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode congregar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ele ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

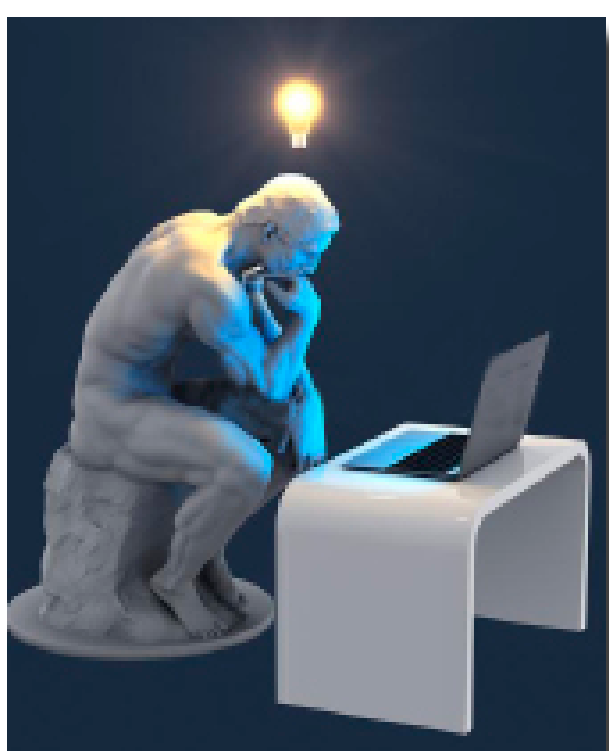
Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz e se pouparão dos males inumeráveis que nascem da discórdia, por sua vez filha do orgulho, do egoísmo, da ambição, do ciúme e de todas as imperfeições da Humanidade. O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para a felicidade aqui na Terra, porque lhes ensina a se contentarem com o que eles têm. Que os espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitar os benefícios que ele traz, e que inaugurem entre si o reino da harmonia que resplandecerá nas gerações futuras.

Os Espíritos que nos rodeiam aqui são inumeráveis, atraídos pelo objetivo que nos propusemos ao nos reunirmos, a fim de dar aos nossos pensamentos a força que nasce da união. Demos aos que nos são caros um boa lembrança e o penhor de nossa afeição, encorajamento e consolações aos que estão necessitados. Façamos de modo que cada um recolha a sua parte dos sentimentos de caridade benevolente de que estivermos animados, e que esta reunião produza os frutos que todos têm o direito de esperar.

ALLAN KARDEC.

Fonte: Revista Espírita - Dezembro/1858

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Kardec afirma, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, que a força do Espiritismo não está nos fenômenos, como geralmente se pensa, mas na sua “filosofia”, o que vale dizer na sua mundividência, na sua concepção de realidade. Segundo Manuel Gonzales Soriano, o Espiritismo é “a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade”. É o pensamento debruçado sobre si mesmo para reajustar-se à realidade. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiums, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do

A Filosofia Espírita e seus Aspectos Sociais

O Espiritismo como doutrina filosófica é adquirido por um conjunto de princípios que serve de base à elaboração de suas posições no campo filosófico, religioso e político. Esses princípios, praticados pelos espíritos em *O Livro dos Espíritos*, tocam todas as questões da vida humana em seus múltiplos aspectos: religioso, político, psicológico, físico etc.

Em *O Livro dos Espíritos* esses princípios aparecem enunciados de forma embrionária e seu desenvolvimento dependerá de nossos estudos, na pesquisa das consequências das premissas aí protegidas pelo plano espiritual. Desse modo, o Espiritismo não se caracteriza pela posição acabada dos sistemas filosóficos, mas foge do espírito de sistema ^[1], mantendo-se aberto a posições diferentes, desde que embasadas nos princípios adotados em sua doutrina filosófica.

Essas considerações são de grande valia para compreendermos o espírito antidogmático e primordialmente democrático que embasa a Codificação e que por isso permitirá sempre que o movimento espírita adote posições diversas e diferentes soluções, especialmente nas questões onde a ciência ainda não tenha estabelecido suas verdades práticas ^[2], ou seja, nas questões onde se trabalham teorias e onde se testam hipóteses.

É dentro dessa visão que iremos analisar as posições ou princípios exercitados pelos espíritos no livro base da Doutrina, *O Livro dos Espíritos*, quanto às questões sociais. Analisaremos também as consequências desses princípios.

ESPIRITISMO E DIREITOS HUMANOS

A parte III de *O Livro dos Espíritos*, ao estudar a Lei Divina inscrita em nossas consciências, estabelece também claramente os direitos humanos.

Na **Lei da Adoração** fica demonstrado o direito de culto e pontifica a liberdade de ritos, embora esteja firmada a ação para o bem como a melhor forma de adoração (*questão nº 654*).

Na **Lei do Trabalho**, estabelece a necessidade do trabalho para todos, considerando-o como expiação e meio de aperfeiçoamento da inteligência sem o qual o homem não se desenvolve (*questão nº 676*).

Como consequência dessa posição, o espírito não pode estar de acordo com sistemas políticos que favoreçam a recessão, aumentem o desemprego, nem com sistemas que exijam do trabalho do homem além de suas forças ou tipos de atividades em que não possam aperfeiçoar a inteligência (*questões nº 67º, 683, 684 e 685-a*).

Na **Lei da Reprodução**, defende o direito à união sexual monogâmica, o direito à vida da mãe acima do direito à vida do feto, combate o controle da reprodução para satisfação de prazeres egoístas ou a pura sensualidade. Como consequência, o espírito não pode ser a favor da poligamia, não apoiará nenhum movimento que visse a satisfação do egoísmo humano, mas buscará sempre regular a reprodução de acordo com a necessidade (*questão nº 693-a*).

A **Lei da Conservação**, muito pouco estudada, traz posições político-filosóficas de suma importância.

A vida física, sendo necessária ao aperfeiçoamento dos seres, e não somente um castigo (*questões nº 702 e 703*), deve ser preservada e para isso a Terra produz o necessário a todos que a habitam.

Na **Lei da Conservação** está estabelecido como princípio doutrinário que só o necessário é útil, o supérfluo nunca o é (*questão nº 704*). Fica estabelecido também que o uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens (*questão nº 711*), e definido por bens da Terra, tudo o que o homem produz (*questão nº 706*).

Ora, a consequência desses princípios é clara: todos os homens têm direito à abundância de que alguns apenas desfrutaram e coisas que são supérfluas não são úteis. Assim, sistemas político-sociais que estimulam o consumo indiscriminado, que aumentam as necessidades até o supérfluo, ou que impeçam as pessoas de ter acesso aos bens produzidos e necessários à vida humana, não podem ser aceitos pelos espíritas.

Na **Lei da Destruição** fica claro o direito do homem de destruir para renovar e melhorar. A destruição não é direito de ninguém, é uma violação à Lei Divina (*questão nº 735*).

A consequência desse princípio é o respeito aos limites traçados pela própria natureza, às cadeias ecológicas, ao solo, às águas, enfim, ao direito à vida de todas as coisas e não apenas da vida humana.

As guerras fomentadas por homens que delas tiram proveitosa devem desaparecer. O espírito é assim em todas as situações contrárias às guerras, consciente de que elas atendem a interesses de grupos que as fomentam (*questão nº 745*).

A **Lei da Sociedade** mostra o direito do ser humano aos laços sociais, à convivência, à família (*questão nº 774*).

Isto leva a compreender o absurdo dos sistemas sociais que relegam milhões de crianças à marginalidade, que impedem uma convivência familiar, que isola o velho, o jovem, a criança, o doente mental...

A Lei do Progresso mostra o direito do homem, a civilização e, por consequência, o absurdo do isolamento do homem do campo, da marginalidade de pobres da periferia, a ausência de arte, de tempo para cultura, de cursos para aperfeiçoamento contínuo do homem. (*questões nº 775 e 776*).

A **Lei da Igualdade** mostra que a desigualdade das condições sociais é obra do homem e que desaparecerá no futuro, quando houver tão somente a desigualdade do merecimento (*questão nº 806*).

Como consequência, o espírito não pode aceitar sistemas sócio-político-econômicos que consideram a desigualdade como fruto do mérito, admitindo que as classes sociais se embasem na superioridade dos que dominam. Por isso é importante definir o que é essa desigualdade de merecimento que deve permanecer no futuro.

A **Lei da Liberdade** estabelece o direito de liberdade de pensamento e de consciência, embora deixe claro que na sociedade é impossível se gozar de liberdade absoluta nos atos (*questões nº 833, 837*).

Cabe nessa questão também estudar as várias formas de controle social, compatíveis com a liberdade de pensamento para que possamos optar, segundo o nosso entendimento pelo tipo de controle que consideramos melhor para a sociedade, uma vez que não há possibilidade de uma liberdade de ação total .

É em questão como essa pode ser avaliada objetivamente como — "que tipo de censura pode o espírito aceitar?" — ou, — "em que consiste a desigualdade do mérito?" — e que cabe ao movimento espírita apresentar várias teorias e tentar várias soluções dentro do espírito democrático e a ausência de dogmatismo que caracterizam e embasam o Espiritismo.

Deve ser também objeto de estudos, com amplas e diversas posições, a definição do que seja correto segundo os princípios doutrinários com relação ao direito de propriedade. Isso porque na Codificação estão assentes dois princípios relativos ao direito de acumular bens:

1º) *Propriedade legítima só é a que foi adquirida sem prejuízo de outrem.*

2º) *O direito de viver confere ao homem o de ajuntar o que necessita para viver e descansar quando não mais puder trabalhar, mas o homem deve fazê-lo em família, como a abelha e não como o egoísta que ajunta para si e para sua permissão pessoal.*

Esses dois princípios precisam ser mais aprofundados para que definamos:

1º) *Quando eu prejudico meu semelhante ao adquirir uma propriedade. Eu o estarei prejudicando se lhe pago um salário pequeno, se o fizer trabalhar muito, se exijo um trabalho bem feito, se deixar de exigir coisas que irão prejudicar-lo se não como fazer e que me beneficiarão, se fizer um "bom" negócio, enquanto o outro faz um "mau"?*

2º) *Seria possível organizar uma sociedade onde os homens somente poderiam ajuntar em família como as abelhas? Como seria essa sociedade e que tipo de sistema político permitiria tal prática? Que inconveniente isso traria? (questões nº 881 e 883).*

Tudo isto somado à afirmativa dos espíritos de que a origem da desigualdade das riquezas é a desigualdade das faculdades aliadas à velhacaria e ao roubo (questão nº 808), que o desejo de ser rico dificilmente é puro (questão nº 902) devemos nos fazer pensar em como seria possível preservar a desigualdade do mérito, sem cair na velhacaria e no roubo e como ao mesmo tempo controlar os princípios para o acúmulo de riquezas.

ESPIRITISMO E ECOLOGIA

Se há campo para debates, estudos mais profundos e posicionamentos diversos quanto às questões dos direitos de propriedade, à liberdade, à igualdade, à questão da preservação do meio ambiente, do uso da natureza com parcimônia e respeito, o reconhecimento das condições diversas do meio ambiente e sua ação sobre o homem, estão claras e inequivocamente definidas nos princípios pelos espíritos.

Um estudo aprofundado da ecologia seria desejável para todo espírito e os órgãos de unificação deveriam abrir mais espaço para formar nos espíritos uma consciência ecológica mais atuante.

As questões citadas abaixo ajudam a esclarecer como o Espiritismo defende a preservação da Natureza em seus princípios.

A questão nº 677 da Lei do Trabalho está clara a função dos animais e vegetais no equilíbrio da Natureza.

A Lei da Destruição e a da Conservação trazem implícitos os princípios das correntes ecológicas modernas. Definem o necessário e o supérfluo (questões nº 716, 717), estabelecem os limites ao bem estar humano que não pode ser conquistado às despesas do outro, nem nos enfraquecer o físico ou o moral (questão nº 719), definem a destruição como uma lei natural (questões nº 731 e 734) mas estabelecem a distinção entre crueldade e destruição (item V - questões 752 a 754).

Aylton Paiva

Aylton Guido Coimbra Paiva, escritor e bacharel em ciências jurídicas e sociais, reside em Lins-SP. Escreveu os livros *Espiritismo e Política*, *O Espiritismo e a Política para a Nova Sociedade* e *Centro Espírita*.

(1) Ver citação de Herculano Pires em *Introdução à Filosofia Espírita* - Cap. III - item 2.

(2) KARDEC, Allan em "A Gênese", cap. I, ponto 55.

Fonte: espiritualidades.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Grupo de Estudos Espírita Dr. Eduardo Monteiro
Educação Espírita Infantojuvenil
Programação - Junho/2023
Sábados 14h às 15h

Tema Central: O caminho das emoções
Objetivo: Reconhecer as emoções e, ou sentimentos que permeiam a vida íntima.

- 03/06 - A alegria
- 10/06 - A Tristeza
- 17/06 - O Medo
- 24/06 - A Inveja



Siga a Família Geedem nas redes sociais:

Clique na imagem para ser redirecionado





Psicologia Espírita por Joanna de Ângelis

A proposta desta série psicológica encontra-se em plena consonância com os postulados básicos do Espiritismo - a crença em Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos, na reencarnação e na pluralidade dos mundos habitados – e com o pensamento do próprio Codificador, Allan Kardec, que estabeleceu em A Gênese que: “Espiritismo e Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.” Recordemos que Kardec colocou no subtítulo da Revista Espírita o termo Jornal de Estudos Psicológicos, dando a entender a importância de estudar-se a alma como um todo, e não em partes.

Necessidade de Valorização

Os destrutivos gigantes da alma, que exteriorizam os tormentos e a imaturidade do ego, de alguma forma refletem um fenômeno psicológico, às vezes de procedência inconsciente, noutras ocasiões habilmente estabelecido, que é a necessidade da sua valorização.

Quando escasseiam os estímulos para esse cometimento do eu, sem crescimento interior, que não recebe compensação externa mediante o reconhecimento nem a projeção da imagem, o ego sobressai e fixa-se em mecanismos perturbadores a fim, de lograr atenção, desembaraçando-se, dessa forma, do conflito de inferioridade, da sensação de incompletude. Tivesse maturidade psicológica e recorreria a outros construtores gigantes da alma, como o amor, o esforço pessoal, a conscientização, a solidariedade, a filantropia, desenvolvendo as possibilidades de enriquecimento interior capazes de plenificação.

Acostumado às respostas imediatas, o ego infantil deseja os jogos do prazer a qualquer preço, mesmo sabendo que logo terminam deixando frustração, amargura e novos anelos para fruir outros. A fim de consegui-lo e por não saber dirigir as aspirações, asfixia-se nos conflitos perturbadores e atira-se ao desespero. Quando assim não ocorre, volta-se para o mundo interior e reprime os sentimentos, fechando-se no estreito quadro de depressão. Renitente, faculta que ressumam as tendências do prazer, mascaradas de auto-aflição, de autoflagelação, de autodepreciação. Entre muitos religiosos em clima de insatisfação pessoal, essa necessidade de valorização reaparece em estruturas de aparente humildade, de dissimulação, de piedade, de proteção ao próximo, estando desprotegidos de si mesmos...

A humildade é uma conquista da consciência que se expressa em forma de alegria, de plenitude. Quando se manifesta com sofrimento, desprezo por si mesmo, violenta desconsideração pela própria vida, exhibe o lado oculto da vaidade, da violência reprimida e chama a atenção para aquilo que, legitimamente, deve passar despercebido. A humildade é uma atitude interior perante a vida; jamais uma indumentária exterior que desperta a atenção, que forja comentários, que compensa a fragilidade do ego. O caminho para a conscientização, de vigilância natural, sem tensão, fundamentando-se na intenção libertadora, é palmilhado com naturalidade e cuidado.

Jesus, na condição de excepcional Psicoterapeuta, recomendava a vigilância antes da oração, como forma de auto-encontro, para depois ensejarse a entrega a Deus sem preocupação outra alguma. A Sua proposta é atual, porquanto o inimigo do homem está nele, que vem herdando de si mesmo através dos tempos, na esteira das reencarnações pelas quais tem transitado. Trata-se do seu ego, dissimulador hábil que conspira contra as forças da libertação.

Não podendo fugir de si mesmo nem dos fatores arquetípicos coletivos, o ser debate-se entre o passado de sombras — ignorância, acomodação, automatismos dos instintos — e o futuro de luz — plenitude através de esforço tenaz, amor e auto-realização — recorrendo aos dias presentes, conturbados pelas heranças e as aspirações. No entanto, atraído pela razão à sua fatalidade biológica — a morte — transformação do soma — histórica — a felicidade — e espiritual — a liberdade plena — vê o desmoronar dos seus anseios e reconstrói os edifícios da esperança, avançando sem cessar e conquistando, palmo a palmo, a terra de ninguém, onde se expressam as próprias emoções conturbadas. Essa necessidade de valorização egóica pode ser transformada em realização do eu mediante o contributo dos estímulos.

Cada ação provoca uma reação equivalente. Quando não se consegue uma resposta através de um estímulo positivo, como por exemplo: — *Eu te amo, para uma contestação equivalente: — Eu também, recorre-se a uma negativa: — Ninguém me ama, recebendo-se uma evasiva — Não me inclua nisso. Sob trauma ou rancor, o estímulo expressa-se agressivo: — Não gosto de ninguém, para colher algo idêntico: — A recíproca é verdadeira.*

Os estímulos são fontes de energia. Conforme dirigidos, brindam com resultados correspondentes. O ego que sente necessidade de valorização, sem o contributo do self em consonância, utiliza-se dos estímulos negativos e agressivos para compensar se, sejam quais forem os resultados.

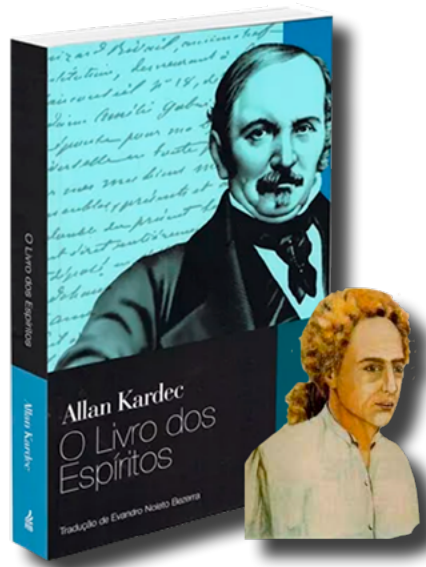
O importante para o seu momento não é a qualidade da resposta estimuladora, mas a sua presença no proscênio onde se considera ausente. Verdadeiramente, no inter-relacionamento social, quando todos se encontram, o ego isola suas vítimas para chamar a atenção ou bloqueia-as de tal forma que não ficam ausentes, porém tornam-se invisíveis. Encontram-se no lugar, todavia, não estão ali. Essa invisibilidade habilmente buscada compensa o conflito do ego, mantendo a autoflagelação de que não é notado, não possui valores atraentes. Tal mortificação neurótica introjeta as imagens infelizes e personagens míticas do sofrimento, que lhe compõem o quadro de desamparo emocional de desdita pessoal.

Nesse comportamento doentio do ego, a necessidade de valorização, porque não possui recursos relevantes para expor, expressa-se na enganosa autocomiseração que lhe satisfaz as exigências perturbadoras, e relaxa, completando-se emocionalmente. Quando o self assoma e governa o ser, os estímulos são sempre positivos, mesmo que tenham origem negativa ou agressiva, porque exteriorizam o bemestar que lhe é próprio.

Se alguém diz: *Não gosto de você, a mensagem transacional retorna elucidando: — Eu, no entanto, o estimo. Se a proposta afirma: — Detesto-o, a comunicação redargue: — Eu o admiro.* Não se contamina nem se amargura, porque, em equilíbrio, possui valor, não tendo necessidade de valorização.

Fonte: Livro *O Ser Consciente (Psicografia Divaldo P. Franco)*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais



O Livro dos Espíritos Sob a Ótica Filosófica de Miramez

“O Livro dos Espíritos é um sinal das leis universais. Quem nele estuda, meditando em seus ensinamentos, e com a ajuda de outros livros que lhe dão seqüência, passa a compreender que os sinais são frases e que as frases são forças indicativas para a libertação da alma.

A coleção *Filosofia Espírita* é um pequeno curso para despertar no estudante valores morais e espirituais. Ele pode abrir caminhos para que a caridade se solidifique nos corações dos leitores, ampliando o saber em seqüência admiráveis.” – Miramez.

»O Livro dos Espíritos » Parte Quarta »Das esperanças e consolações »Capítulo I — Das penas e gozos terrestres »Unões antipáticas. Questão 939

939. Uma vez que os Espíritos simpáticos são induzidos a unir-se, como é que, entre os encarnados, frequentemente só de um lado há afeição e que o mais sincero amor se vê acolhido com indiferença e, até, com repulsão? Como é, além disso, que a mais viva afeição de dois seres pode mudar-se em antipatia e, algumas vezes, mesmo em ódio?

“Não compreendes então que isso constitui uma punição, se bem que passageira? Depois, quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver com as pessoas amadas, não tardam a reconhecer que só experimentaram um encantamento material! Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades. Vivendo realmente com ela é que poderá apreciá-la. Também há muitas uniões que a princípio parecem destinadas a nunca serem simpáticas, mas que, quando os dois seres que as constituem se estudam e se conhecem bem, acabam por votar-se duradouro e terno amor, porque assente na estima! Cumpre não se esqueça de que é o Espírito quem ama e não o corpo, de sorte que, dissipada a ilusão material, o Espírito vê a realidade.

Duas espécies há de afeição: a do corpo e a da alma, acontecendo com frequência tomar-se uma pela outra. Quando pura e simpática, a afeição da alma é duradoura; efêmera a do corpo. Daí vem que, muitas vezes, os que julgavam amar-se com eterno amor passam a odiar-se, quando a ilusão se desfaz.”

O ser humano se engana constantemente, principalmente no tocante ao amor. É preciso analisar mais a chamada sintonia que, no fundo, é o próprio amor. Ele faz parte de uma escala imensurável; cada degrau corresponde a um estado de alma, e a subida vai nos mostrando que ela é infinita, assinalando as posições das criaturas e fazendo-as sentir a verdade na seqüência da subida.

Ao se encontrar uma criatura, principalmente do sexo oposto, pode-se sentir imediatamente uma grande afeição, que tanto pode ser pela presença física, quanto pela espiritual. Compete a cada indivíduo ser cauteloso em mostrar o que está pensando e sentindo naquele momento, para não cair em contradições.

Certamente que em muitos casos, encontramos pessoas pela primeira vez e sentimos antipatias por elas, no entanto, com o decorrer do tempo, modificamos nossos sentimentos, passando a amar tais criaturas, bem como se dá o contrário. A razão nos fala que tudo isso constitui processo de despertar espiritual, e que não vamos permanecer sentindo antipatia; o nosso futuro é amar e nos confraternizar com todos os seres deste mundo em que moramos temporariamente e dos outros, tanto quanto de todos os reinos da natureza.

Devemos amar a Deus, como já falamos alhures, em todas as coisas, que essas coisas respondem a esse amor em sua dimensão de vida. Não debes te sentir culpado por teres antipatia por alguém; debes, sim, compreender esse sinal como sendo um aviso do que ocorre por dentro da tua vida. O que tens a fazer é buscar mudar na tua intimidade e esforçar-te para tal, que a própria natureza te ajudará na superação dos obstáculos naturais. Esses conflitos são normas de despertar dos valores internos. Não debes tampouco culpar as entidades mal informadas sobre a verdade. Elas estão igualmente procurando, como todos nós, a verdade para se libertarem das incompreensões.

Ao encontrares novos companheiros e a antipatia surgir, é um sinal pedindo para parares e meditar, até que se abram em teu entendimento, vários processos da vida para nos educar e instruir. O próprio amor à primeira vista deve ser moderado. Em tudo, a posição de equilíbrio nos mostra melhores resultados; todas as paixões ardentes vêm de fonte mal informada, e todas as paixões desenfreadas nascem mais da matéria e pedem modificações. O homem elevado é sereno em tudo o que faz e pensa; ele ama, na mesma serenidade, a Deus em tudo.

Certamente que existem muitas modalidades de afeições, no entanto, tudo vem do Espírito. Somente ele, na posição de encarnado, ama ou odeia. Quando o Espírito se liberta do corpo na desencarnação, a matéria se funde na própria matéria, desfazendo-se da forma. Os elementos buscam seus iguais, fundindo-se e se transformando para a sua grandeza. Na própria matéria existe "antipatia" dos elementos, que vibram em diferentes ordens.

Em muitos casos, que podem ser comprovados, muitos que amam e que se diziam felizes em tais momentos, passam a odiar. Entrementes, com a compreensão da vida, com o passar dos milênios, passam a amar novamente, eternamente, pois esse é o caminho, a verdade e a vida para todas as criaturas de Deus. O ódio é transitório; o amor é eterno, em tudo que existe.

Nestes jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos e paralíticos. (João, 5:3)

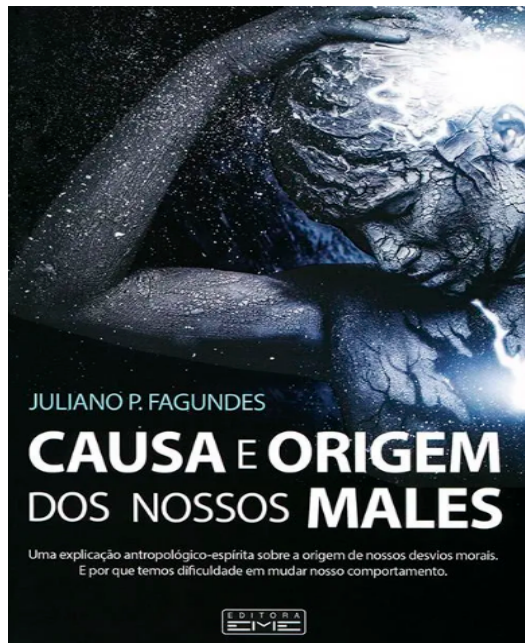
Na vibração do ódio somente existem cegos, coxos e paralíticos, mas, com Jesus, em se referindo ao amor, à simpatia, todos se curam da cegueira, das enfermidades e dos defeitos físicos, vivendo nas linhas da perfeita harmonia de vida.

Podemos afirmar que todos os acontecimentos contraditórios que se passam na vida da alma, são necessários para que ela chegue à região do amor, passando a amar. Não podemos julgar a ninguém porque deixou de amar determinada criatura de quem antes tanto gostava. As próprias ilusões são lições, para nos mostrar o verdadeiro caminho. Todos passam por essas diretrizes. Os Espíritos elevados sabem disso; por isso não julgam.




Dicas de Leitura

O Espiritismo está fundamentado na razão (no raciocínio), na lógica, no equilíbrio e no bom senso, sobretudo na razão, de tal modo que a leitura e, de preferência, a leitura constante, intensa, constitui grande contributo ao seu entendimento, à sua boa compreensão.



Causa e Origem de Nossos Males (Juliano P. Fagundes)

Qual o motivo pelo qual, em meio a tantas qualidades, também carregamos tantos defeitos? Porque falhamos tanto em fazer o certo, sem aprender com nossos erros? Quais as raízes desses comportamentos tão repetitivos? Asseveram as entidades superiores que depende de cada um de nós o avanço para a perfeição, segundo nossa própria vontade e a submissão à vontade de Deus. Este livro traz uma explicação antropológico-espírita sobre a origem de nossos desvios morais, bem como sobre a dificuldade que temos em mudar nosso comportamento.

Encomende seu exemplar em nossa livraria: <https://bit.ly/37j8dJu> 



O Estudo do Evangelho no Lar é uma reunião em família, num determinado dia e horário da semana, para uma leitura e troca de ideias sobre os ensinamentos cristãos, em proveito do nosso próprio esclarecimento e do equilíbrio no lar.

Momento que nos permite elevar nossos pensamentos e sentimentos, favorecendo assim a assistência dos Mensageiros do Bem.

Roteiro para Evangelho no Lar:

<https://www.geedem.org.br/evangelho-no-lar>

Músicas para Evangelho no Lar:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBi_

Para Reflexão...

A Educação do Espírito

Se o ser é essencialmente sua alma, a preocupação dele como encarnado seria ou deveria ser centrar-se no processo educativo.



Recorde-se que o Espírito é o único componente da trilogia – corpo, Espírito, perispírito - que permanece na sucessão das encarnações e dos mundos pelos quais transite.

Caminheiro de muitas etapas, o lastro das vivências soterradas nos porões do inconsciente, submete-o a situações inusitadas, para as quais, quase sempre se vê frente a elas e, sente-se não só despreparado como muitas vezes não descobrindo razões para o surgimento delas.

Como esse acontecer é natural, necessário e contínuo, haveria uma forma, não de anular – isso é impossível – mas de preparar-se estimulando bases que, quando em crise, sustentassem o conflito, o fato que se fizer presente?

Sob a ação dos pilares – Deus, alma, conduta mora, religiosidade – diante dos atropelos, enfrenta-os procurando reconstruções que lancem ao futuro.

Consciente de que é imortal, busca Deus; encontra-O; vive com Ele nas atividades normais do trabalho, oração e esforço próprio.

Esse processo é precípuo: é o exercício da razão sem perder de vista o sentimento. Descobre coisas belas que estão em seu íntimo como aspiração, ideal e sonho.

A educação do sentimento, portanto, “... cujo ponto mais delicado é o amor”, (OLE 113), terá que processar-se primeiro no homem em relação a si, para posteriormente exteriorizar-se nos contextos sociais, nas interações pessoais, dependências recíprocas, carências, qualidades, progressos, a fim de que educando instintos, ative a capacidade para compreender ou entender. Tais despertamentos levam a que descubra a área preferencial em que se deve aplicar, vencendo impetuosidade, instintos, despertando a certeza de que traz em si capacidade para lidar, sem conflito, com os chamados problemas. Tendo consciência que cada um deles carrega a solução em seu bojo, com a bravura daquele que não caminha só, dispõe-se a achar soluções.

Adaptar-se às mudanças, ter sem possuir, superar obstáculos, resistir, trabalhar, descobrir resultados satisfatórios para momentos adversos, é caminho e construção que a educação realiza ao Espírito que, encarando a vida, como convite às superações, marcha serenamente aos fins a que se destina.

Reside aí o campo do serviço cristão, a diferença entre o desconhecer, saber e fazer!

Leda Marques Bighetti

Fonte: cebatuira.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Instruindo-se com Revista Espírita

Textos extraídos da Revista Espírita, para um conhecimento mais aprofundado do trabalho de Kardec e das comunicações espirituais ou, como ele mesmo o disse, servir de complemento da Codificação.

Progresso Intelectual e Moral

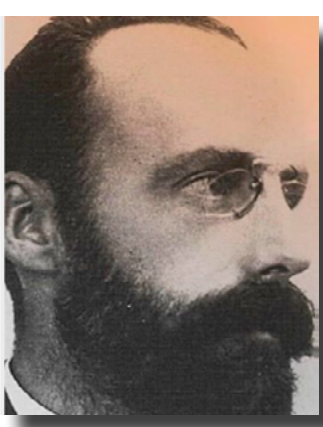
Venho dizer-vos que o progresso moral é o de mais útil aquisição, porque nos corrige as más inclinações e nos torna bons, caridosos e devotados aos nossos irmãos. Contudo, o progresso intelectual é também útil ao nosso adiantamento, porque eleva a alma e faz-nos julgar mais corretamente as nossas ações, assim facilitando o progresso moral. Inicia-nos aos ensinamentos que Deus nos proporciona há séculos por intermédio de tantos homens de méritos diversos, que vieram sob todas as formas e em todas as línguas para nos dar a conhecer a verdade, e que não eram senão Espíritos já adiantados, enviados por Deus para o desenvolvimento do entendimento humano. Mas, na época em que viveis, a luz que iluminava apenas um pequeno número vai brilhar para todos. Trabalhai, pois, para compreenderdes a grandeza, o poder, a majestade, a justiça de Deus; para compreenderdes a sublime beleza de suas obras; para compreenderdes as magníficas recompensas concedidas aos bons e os castigos infligidos aos maus; para compreenderdes, enfim, que o único objetivo que deveis aspirar é o de vos aproximardes dele.

GEORGES

(Bispo de Périgueux e de Sarlat, feliz por ser um dos guias do médium)

Fonte: *Revista Espírita - Maio de 1861*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Você sabe Quem Foi?

Ernesto Bozzano

Nasceu em 09/01/1862, em Gênova, Itália e desencarnou em 1943, na mesma localidade. Professor da Universidade de Turim, foi, antes de se converter ao Espiritismo, materialista, céptico, positivista.

Numa época em que o Positivismo empolgava muitas consciências, Bozzano demonstrava-lhe nítida inclinação. Dos postulados positivistas gravitou para uma forma intransigente de materialismo, o que o levou a proclamar mais tarde: Fui um positivista materialista a tal ponto convencido, que me parecia impossível pudessem existir pessoas cultas, dotadas normalmente de sentido comum, que pudessem crer na existência e sobrevivência da alma.

O fato de representantes da Ciência oficial levarem a sério a possibilidade da transmissão de pensamento entre pessoas que vivem em continentes diferentes, a aparição de fantasmas e a existência das chamadas casas mal-assombradas escandalizava Bozzano.

Somente após ler diversas outras obras é que Ernesto Bozzano resolveu dedicar-se com afinco e verdadeiro fervor ao estudo aprofundado dos fenômenos espíritas, fazendo-o por meio das obras de Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, William Crookes e outros.

Como medida inicial para um estudo profundo, Bozzano organizou um grupo experimental, do qual participaram muitos professores da Universidade de Gênova.

No decurso de cinco anos consecutivos, graças ao intenso trabalho desenvolvido, esse pequeno grupo propiciou vasto material à imprensa italiana e, ultrapassando as fronteiras, chegou a vários países. Havia-se obtido a realização de quase todos os fenômenos, culminando com a materialização de seis Espíritos, de forma bastante visível, e com a mais rígida comprovação.

Dentre as mais de trinta e cinco obras escritas, citamos "A Crise da Morte", "A Hipótese Espírita e as teorias Científicas", "Animismo ou Espiritismo", "Comunicações Mediúnicas entre Vivos", "Pensamento e Vontade", "Fenômeno de Transfiguração", "Metapsíquica Humana", "Os Enigmas da Psicometria", "Fenômenos de Talestesia", etc. O seu devotamento ao trabalho fez com que se tornasse um dos mais salientes pesquisadores dos fenômenos espíritas, impondo-se pela projeção do seu nome e pelo acendrado amor que dedicou à causa que havia esposado e que havia defendido com todas as forças de sua convicção inabalável.

Um fato novo veio contribuir para robustecer a sua crença no Espiritismo. A desencarnação de sua mãe, em julho de 1912, serviu de ponte para demonstração da sobrevivência da alma. Bozzano realizava nessa época sessões semanais com um reduzido grupo e com a participação de famosa médium. Realizando uma sessão na data em que se marcava o primeiro ano da desencarnação de sua genitora, a médium escreveu umas palavras num pedaço de papel, as quais, depois de lidas por Bozzano o deixara assombrado. Ali estavam escritos os dois últimos versos do epitáfio que naquele mesmo dia ele havia deixado no túmulo de sua mãe.

Fonte: febnet.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

"A Educação, poderosa alavanca para o progresso espiritual, constitui-se o mais eficiente recurso moral para a edificação do ser humano.

Confundida com a instrução, ainda não foi compreendida no sublime objetivo de que se faz mensageira. A Educação, sem qualquer dúvida, remove as graves heranças perturbadoras insculpidas na personalidade e no caráter do educando, por criar-lhe novos condicionamentos morais que se fixarão indelevelmente, orientando-lhe a existência." (Joanna de Ângelis - Livro Além Da Morte)

Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo



Lançada em 15 de abril de 1864, esta terceira obra básica da codificação espírita aborda os chamados evangelhos canônicos sob a ótica do espiritismo. Não se trata de uma "bíblia espírita" ou mesmo de reinterpretação doutrinária deste livro. Sua introdução define seu objetivo: abordar exclusivamente o ensinamento moral do evangelho, pois esse código divino “é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada”.

Baseado em instruções dos espíritos superiores, Allan Kardec se empenha em extrair dos evangelhos princípios universais de ordem ético moral e demonstrar sua consonância com aqueles defendidos pelo espiritismo.

Composto de 28 capítulos, 27 dos quais dedicados às explicações das máximas de Jesus, O Evangelho Segundo o Espiritismo restabelece os ensinamentos do Mestre Nazareno em seu verdadeiro sentido – em espírito e verdade –, e torna-se leitura obrigatória a todos que se preocupam com a formação moral, não importando sua crença religiosa.

CAPÍTULO XXIII: Estranha Moral

Itens 13 a 18: Não Vim Trazer a Paz, Mas a Espada

Leia no capítulo na íntegra aqui:

<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/887/o-evangelho-segundo-o-espiritismo/2610/capitulo-xxiii-estranha-moral/nao-vim-trazer-a-paz-mas-a-divisao>

Nesses itens, Allan Kardec continua fazendo observações em torno do cristianismo e dos seus opositores.

Lembra que o cristianismo continuou a ser aceito, apesar da perseguição cruel dos romanos, principalmente, em Roma, que se sentiam ameaçados nos seus interesses, na manutenção dos seus poderes, e não por convicção religiosa, visto que o paganismo àquela época já estava em declínio, sendo mantido mais para a manutenção dos privilégios dos poderosos.

Jesus viera no tempo devido, não porque os homens estivessem prontos para as ideias cristãs, mas “havia um clima geral de aptidão para assimilá-las, porque se fazia sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma.”

Sócrates e Platão vieram antes, divulgando ideias muito semelhantes às do cristianismo, que não prevaleceram na Grécia, cujo povo embora fosse dos mais inteligentes da Terra, ainda não estava amadurecido para elas.

Vieram, como precursores das ideias cristãs, chamando à reflexão os capazes de compreendê-las, desbravando o caminho e preparando os Espíritos para a doutrina que viria mais tarde, com Jesus.

Todavia, devido à desigualdade de grau evolutivo e da própria imperfeição dos homens, muitos dos intitulados cristãos continuam até hoje, interpretando, diferentemente, muitos dos ensinamentos de Jesus.

Assim, sempre surgem seitas, que pretendem a posse da Verdade, esquecidos de que o homem, não sendo obra acabada, só pode conhecer partes dela, e esse conhecimento se amplia, continuamente, na medida do seu progresso espiritual, aqui e em mundos mais elevados.

Infelizmente, os intitulados cristãos agiram entre si como os adeptos do paganismo, em lutas fratricidas, por não terem entendido ou interiorizado em si próprios, que a pedra angular do cristianismo é a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo, sem os quais ninguém conquista a libertação da vida material para viver a vida plena em planos espirituais elevados.

Há os que acusam o cristianismo como causa das atrocidades cometidas em nome dele, quando os erros, omissões e enganos são apenas dos homens, que se dizem cristãos, sem terem compreendido a sua Verdade.

Todavia, a doutrina moral de Jesus continua nos Evangelhos, tal qual ele a trouxe, esperando que os interessados, os que buscam o desenvolvimento do seu senso moral, a estude, a compreenda pela sensibilidade e pela razão, a aceite por sua vontade, e a coloque em prática no seu dia-a-dia, lutando contra suas imperfeições e divulgando, pela sua transformação de sentimentos, de pensamentos, de atitudes e de ações, as qualificações de um verdadeiro cristão.

Jesus sabia que a grande maioria da humanidade terrestre não tinha a maturidade do senso moral para entender seus ensinamentos. Mas sabia que era a hora própria de vir trazê-los, para que, desde então, os mais preparados, aceitando-os, os divulgassem, mesmo com falhas, pois sempre houve na Terra, e continua existindo os que se esforçam para vivenciá-los, servindo de exemplos para os demais.

Assim, de reencarnação em reencarnação, os Espíritos vão se melhorando e, cada vez mais a moral cristã vai sendo reconhecida como a que trará paz e felicidade a todos.

Allan Kardec esclarece que quando Jesus, afirma: “não vim trazer-lhes a paz, mas a espada” sabia que sua doutrina não seria estabelecida sem lutas sangrentas, sem divergências, sem oposições, pelo mal que existe no homem, como fruto da sua imperfeição, e não como um determinismo divino.

“Eu vim trazer o fogo à terra, e que quero eu senão que ele se acenda?”, significa que os ensinamentos que ele trouxera para eliminar os erros e preconceitos, agiriam como o fogo no campo eliminando as ervas daninhas, a fim de que a depuração espiritual se faça, porque dos seus ensinamentos a Verdade sairá triunfante.

Sabia Jesus que seus ensinamentos não seriam entendidos e aceitos por todos, que divergências sérias surgiriam, até lutas fratricidas, mas confiava na perfectibilidade do Espírito imortal, que através das reencarnações continuariam, no seu desenvolvimento espiritual, aprendendo com as consequências dos seus atos, numa progressão constante.

Por isso ele promete a vinda do Consolador, o Espírito da Verdade, que viria restabelecer todas as coisas, quando os homens, com mais conhecimentos científicos, filosóficos, com a razão mais desenvolvida, poderia entender melhor os ensinamentos de Jesus e a sua aplicabilidade no viver cotidiano.

Assim o Espiritismo, veio na época certa, revelar novas leis divinas, que aclararam muitos dos ensinamentos de Jesus, recordam os esquecidos ou os mal-entendidos, encontrando, igualmente, a oposição dos conservadores, dos acomodados e dos preconceituosos, não mais com lutas sangrentas, pelo progresso da humanidade, mas com lutas de ordem moral.

Por certo, um dia, toda a humanidade da Terra, se unirá sob a bandeira do amor a Deus e ao próximo como a si mesmo, embora possam continuar as diferentes maneiras de cultuar a Deus, no respeito aos direitos de cada um, sem preconceitos, na fraternidade e na solidariedade, entre irmãos, filhos de Deus, todos trabalhando em favor de todos.

Ficarão para trás, no passado da história, o ódio, o fanatismo, o preconceito, a violência, a guerra, o orgulho, o egoísmo, a preponderância, com todas as suas consequências, e a Terra será um mundo de regeneração, todos trabalhando sob as leis divinas, respeitando-as no sentir e pensar somente o bem, agindo nele e com ele, sob quaisquer circunstâncias.

Leda de Almeida Rezende Ebner – Fevereiro / 2018

Bibliografia:

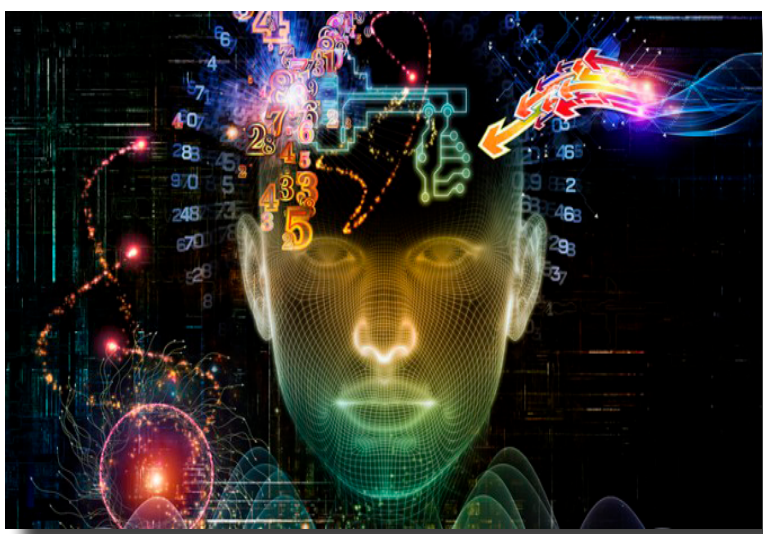
O CENTRO ESPÍRITA BATUIRA esclarece que permanece divulgando os estudos elaborados pela Sra Leda de Almeida Rezende Ebner, após o seu desencarne, com a devida AUTORIZAÇÃO da família e por ter recebido a DOAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS, conforme registros em livros de Atas das reuniões de diretoria deste Centro.

Fonte: cebatuira.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Os Espíritos protetores nos ajudam com os seus conselhos, através da voz da consciência, que fazem falar em nosso íntimo; mas como nem sempre lhes damos a necessária importância, oferecem-nos outros mais diretos, servindo-se das pessoas que nos cercam. Que cada um examine as diversas circunstâncias, felizes ou infelizes, de sua vida, e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos que nem sempre aproveitou, e que lhe teriam poupado muitos dissabores se os houvesse escutado.

Comentário de Kardec na pergunta 524 de O Livro dos Espíritos.



Ciência e Espiritismo

“O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação.

(Allan Kardec- A Gênese Cap. I - item 16)

Evolução Centrada nos Genes

A História revela que nenhuma teoria científica nasceu completa. Por mais bem elaborada que tenha sido é submetida a revisões periódicas ou revogada totalmente. Neste aspecto, é costume dizer que, em Ciência, não há o “sempre” nem o “jamais”. Percebemos, no entanto, que se há assuntos facilmente resolvidos pelos estudos científicos, tal não ocorre com outros. Entre estes, o tema evolução se enquadra perfeitamente, pois conta com significativo acervo de informações, acumuladas ao longo do tempo.

Entendemos que a forma mais adequada de estudar os mecanismos da evolução é desenvolver visão panorâmica do tema, adquirida pelo conhecimento dos seus pontos essenciais. Para tanto, é preciso agrupar as principais teorias difundidas pela Academia, que basicamente são quatro:

a *Evolução centrada nos genes* – comentada neste texto –, que incorpora conceitos definidos por Charles Darwin em seus trabalhos sobre a evolução das espécies;

b Evolução epigenética que considera a transmissão de informações pelas células;

c Evolução por transmissão comportamental de informações, ou a do aprendizado social;

d Evolução exclusiva da espécie humana, fundamentada nos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

O aprendizado a respeito da evolução biológica, centrado na hereditariedade (ou nos genes), foi mais bem equacionado a partir do século vinte, em razão dos conhecimentos adquiridos sobre uma molécula orgânica simples: ácido desoxirribonucleico (ADN, em português) ou DNA (em inglês: deoxyribonucleic acid). Grande avanço científico ocorreu quando a estrutura molecular do DNA foi decifrada como constituída de dupla hélice, em decorrência das pesquisas do pesquisador estadunidense James Watson e do britânico Francis Crick, em 1953, e que lhes valeu o Prêmio Nobel de Medicina de 1962.

Foi uma descoberta que marcou a era da biologia molecular no Planeta, condição que se revelou imprescindível para os estudos posteriores dos processos evolutivos. O DNA é encontrado em todos os seres vivos do Planeta, exceto em alguns vírus, fazendo parte de uma estrutura denominada cromossoma, situada no núcleo das células evoluídas ou eucariontes (fungos, protozoários, plantas e animais).

Nas células primitivas (procariontes) das bactérias o DNA está disperso no citoplasma. O número de cromossomos varia conforme a espécie: 32 na minhoca, 44 no coelho, 46 no ser humano, 64 no cavalo, 380 na borboleta, 1.200 na samambaia etc. Os cromossomos possuem, por sua vez, os genes que podem ser genericamente compreendidos como unidades fundamentais da hereditariedade. Cada gene é formado por uma sequência específica de ácidos nucleicos, biomoléculas que contêm a informação genética que poderá ser transmitida às futuras gerações.

O Espírito André Luiz amplia o conhecimento sobre os cromossomos quando nos fornece esclarecimentos sobre a natureza e a ação desta estrutura celular, afirmando que esta organela não é encontrada, apenas, no plano material, como supõe a Ciência: Os cromossomas, estruturados em grânulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática, partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam.

Outra informação do Espírito é a de que “os cromossomas permanecem imorredouros, através dos centros genésicos de todos os seres, encarnados e desencarnados, plasmando alicerces preciosos aos estudos filogenéticos do futuro”. Em outras palavras: a morte do veículo físico não destrói as organelas biológicas porque estas fazem parte do perispírito.

Como o perispírito modifica-se com o aperfeiçoamento do Espírito, deduz-se, então, que as informações gênicas são alteradas em cada reencarnação, de acordo com as especificidades do planejamento reencarnatório, independentemente da contribuição da herança genética dos genitores. O estudo do DNA atingiu significativo apogeu com a publicação do esboço do projeto genoma humano, no final de 2001.

Os estudiosos estimaram, à época, que o número de genes distribuídos nos 23 pares de cromossomos da espécie humana seria de 35 mil ou mais. Sabe-se hoje, porém, que este número não deve passar de 20 mil genes, quantidade considerada insignificante, principalmente para os ardorosos defensores da evolução centrada nos genes.

A evolução centrada nos genes é uma teoria respeitada e segura em muitos aspectos. Todavia, revela séria fragilidade ao admitir que todo processo evolutivo biológico é originário dos genes, ignorando que na célula há outras estruturas que estão também envolvidas. Neste sentido, André Luiz antecipa as interpretações científicas e ensina: “[...] nos compele a considerar que o transformismo das espécies, como também a constituição de espécies novas, em se ajustando a funções fisiológicas, expansão e herança, baseia-se no mecanismo e na química do núcleo e do citoplasma, em que as energias fisiopsicossomáticas se reúnem.”



Já não é possível pensar, como se imaginava há algumas décadas, que cada gene é responsável pela transmissão de apenas um tipo de característica, inclusive as relacionadas à moral e ao caráter. Os modernos estudos apontam em outra direção, identificando diferentes fatores que agem em conjunto com os genes. Esclarecem, a propósito, as docentes Eva Jablonka, da Universidade de Tel Aviv, Israel, e Marion Lambda, da Universidade de Londres, Inglaterra, que os geneticistas já estão falando em redes genéticas compostas, constituídas “[...] de dezenas ou centenas de genes que interagem uns com os outros e, juntos, afetam o desenvolvimento de um determinado traço [genético]”.

Acrescentam também: Isso envolve interações entre vários genes, muitas proteínas e outros tipos de molécula e o ambiente em que o indivíduo se desenvolve. Até onde podemos ver, num futuro próximo ainda não será possível prever qual conjunto de genes interage entre si para produzir um dado conjunto de circunstâncias. “[...] Não podemos mais pensar no gene de DNA intrinsecamente estável e discreto que codifica a informação necessária para produzir uma proteína e é fielmente copiado antes de ser passado adiante.” “[...] Além disso, o gene não pode ser visto como uma unidade autônoma – como um trecho específico do DNA que produz sempre o mesmo resultado.

Se um segmento do DNA produz ou não alguma coisa, o que produz, quando e onde o faz é algo que pode depender de outras sequências de DNA e do ambiente. Neste sentido, a teoria da evolução centrada nos genes, mesmo associada às ideias de Darwin, deve ser considerada de forma genérica, pois não explica a biodiversidade dos seres vivos, nem mecanismos específicos da evolução.

Os cientistas mais coerentes não aceitam que a moralidade de um indivíduo, as suas virtudes, religiosidade ou mesmo certas habilidades, sejam transmitidas por herança gênica. Faz sentido, portanto, o pensamento de Alexandre, conhecido orientador espiritual citado no livro Missionários da Luz, que sabiamente assim se expressa:

"[...] O organismo dos nascituros, em sua expressão mais densa, provém do corpo dos pais, que lhes entretêm a vida e lhes criam os caracteres com o próprio sangue; todavia, em semelhante imperativo das leis divinas para o serviço de reprodução das formas, não devemos ver a subversão dos princípios de liberdade espiritual, imanente na ordem da Criação Infinita."

Por isso mesmo, a criatura terrena herda tendências e não qualidades. As primeiras cercam o homem que renasce, desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver, aprimorando-se; as segundas resultam do labor individual da alma encarnada, na defesa, educação e aperfeiçoamento de si mesma nos círculos benditos da experiência.

Marta Antunes Moura

Escritora, Vice presidente da FEB - Federação Espírita Brasileira

Fonte: carlosromero.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Aprofundado os Conhecimentos nas Leis Naturais

O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos.

Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

Lei de Justiça, Amor e Caridade

De acordo com O Livro dos Espíritos, há dez Leis Naturais:

1) Lei de Adoração; 2) Lei do Trabalho; 3) Lei de Reprodução; 4) Lei de Conservação; 5) Lei de Destruição; 6) Lei de Sociedade; 7) Lei do Progresso; 8) Lei de Igualdade; 9) Lei de Liberdade; 10) Lei de Justiça, Amor e Caridade.

Esta divisão da Lei Natural em dez partes, da mesma forma como fez Moisés com os Dez Mandamentos, abrange todas as circunstâncias da vida.

Kardec considera a Lei de Justiça, Amor e Caridade a mais importante das Leis Naturais, porque ela resume todas as outras.

Há que fazer então a distinção entre justiça humana e justiça divina. A justiça humana está sujeita às limitações do ser humano. Serve para uma sociedade durante um determinado período de tempo, conforme o grau de desenvolvimento moral e espiritual alcançado pelas pessoas que ali vivem. Em todos os tempos e em todas as crenças o homem sempre se esforçou para fazer prevalecer o seu direito pessoal. "A sublimidade da religião cristã está em que ela tomou o direito pessoal por base do direito do próximo."

A justiça divina é a justiça estabelecida por Deus, é um modelo a ser seguido. A função dos seres humanos é aproximar-se cada vez mais dessa justiça maior, a justiça das justiças.

"Efetivamente, o critério da verdadeira justiça está em querer cada um para os outros o que para si mesmo quereria e não em querer para si o que quereria para os outros, o que absolutamente não é a mesma coisa." Como não é natural que se queira o próprio mal, se tomarmos o desejo pessoal por norma ou ponto de partida, podemos estar certos de assim desejar para o próximo somente o bem.

O amor segundo Kardec deve ser visto como uma energia radiante expressa pelo nosso pensamento, alicerçado na vontade e no discernimento.

O amor é um complemento da lei da justiça, traduz-se num sentimento interior que nos permite amar o próximo e fazer-lhe todo o bem que nos seja possível tal como desejaríamos que nos fosse feito. Remete-nos a um sentimento comum tanto aos homens como aos animais.

“Amar os inimigos é perdoar-lhes e retribuir-lhes o mal com o bem. O que assim procede torna-se superior aos seus inimigos, ao passo que abaixo deles se coloca, se procura tomar vingança.”

“Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, lei divina, mediante a qual governa Deus os mundos. O amor é a lei de atracção para os seres vivos e organizados. A atracção é a lei de amor para a matéria inorgânica.”

A caridade é também um complemento da lei da justiça. Caridade que vem da raiz de amor (caritas), é uma virtude cristã fundamental que move a vontade à busca efectiva do bem de outrem e procura identificar-se com o amor de Deus. O lema é: *“Ama o próximo como ti mesmo”*. S. Paulo deu superior relevo à caridade em relação à fé e à esperança, as outras virtudes cristãs

«Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade – as três. Porém, a maior delas é a caridade.»

«A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais acabará. As profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência findará.»

“A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos prescreve a indulgência, porque de indulgência precisamos nós mesmos, e nos proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer.”

O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos.

«Empenhai-vos em procurar a caridade. (...)»

«Tudo o que fazeis, fazei-o na caridade.»

Conclusão

O nosso senso de justiça mostra-nos que algo está errado, não simplesmente connosco, mas com o mundo em geral. Ele mostra-nos o descontentamento entre o ideal imaginado e a situação observada. É neste momento que entra o sentimento de justiça, que deve ser contrabalançado pelo amor e pela caridade, no sentido de atingir o bem comum.

Possamos todos ser vigilantes quanto aos nossos sentimentos e desejos, pois eles estruturam os nossos pensamentos e permitem a libertação de energia e de forças que guiam as nossas acções na produção do bem e das melhores qualidades que constituirão o crescimento espiritual que cada indivíduo deseja alcançar.

Só com amor e solidariedade podemos combater o ódio e os actos de violência.

Tenhamos esperança e fé na evolução da humanidade.

Fonte: cursodeespiritismo.blogspot.com

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Obras Básicas em Foco

Para quem deseja compreender o Espiritismo, dando a saber do que se trata e internalizar os fundamentos do mestre Jesus, é preciso a leitura constante e atenta, além do estudo continuado das obras fundamentais da Doutrina Espírita.

Nesta coluna, o IDEM publica trechos de *O Livro do Médiuns*, *O Céu e o Inferno*, *A Gênese*, *Obras Póstumas*, além de *O Que é o Espiritismo* dando continuidade do estudo das Obras Básicas apresentadas nas colunas "O Que Disse Kardec" e "Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo".

O Céu e o Inferno: A Obra Prima Esquecida

O livro *“O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo”*, foi publicado por Allan Kardec em Paris em 1865. Inexplicavelmente, esta obra é a mais desconhecida pelos espíritas dentre os livros da Codificação. No entanto, não deveria ser assim. Com efeito, o livro questiona tudo o que foi elaborado pelo pensamento humano sobre a vida futura, sobre as penas as recompensas e sobre os eventuais locais em que elas seriam efetivadas. Isto, por si só, recomendaria a sua leitura. Além disto, Kardec nos proporciona neste livro a argumentação necessária para que possamos orientar todas as pessoas interessadas nos temas acima aludidos.

Você quer saber se existe ou não uma vida futura após nossa existência física? Se existe ou não o Céu? Se existe ou não Inferno? Se existe ou não o Purgatório? Se as penas impostas por Deus aos nossos erros são ou não eternas? Se existe ou não anjos e demônios? Se os demônios estão livres e soltos no mundo com a finalidade única de nos induzir ao erro? Se somente os demônios podem manifestar-se nas comunicações mediúnicas? Se Moisés realmente proibiu a evocação dos mortos?

Você quer saber como é a nossa transição, ou seja, a desencarnação? Sentimos dor? Sim? Não? Você quer saber como vivem no mundo espiritual os Espíritos que tiveram uma existência física virtuosa? Ou, como vivem na vida espiritual as pessoas que não foram totalmente virtuosas, mas tiveram uma existência sem prejudicar o próximo? Você quer saber se existem Espíritos sofredores e porque sofrem? Como é este sofrimento? E os criminosos que se arrependem? O que acontece com eles? Estão no inferno? Você quer saber o que acontece com as pessoas que cometeram suicídio? Vão para o inferno? Você quer saber como são as existências terrestres de expiação das faltas? Quer saber qual o critério para a escolha destas existências e como o Espírito deve proceder para que elas sejam produtivas?

Enfim, se estes graves problemas existenciais já frequentam o teu pensamento, e as respostas dadas pelas religiões e pelas diferentes correntes espiritualistas não lhe convencem, recomendamos a leitura de “O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo”. Nele você terá respostas lógicas, claras, objetivas e comprovadas.

Na primeira parte de “O Céu e o Inferno”, denominada “Doutrina”, Allan Kardec demonstra a impossibilidade da existência do céu, do inferno, do purgatório, das penas eternas na forma como são ensinadas pela igreja católica. Para tanto, utiliza os conhecimentos científicos e profunda argumentação lógica na análise dos conceitos supracitados, mostrando como eles são absurdos e iníquos em face da justiça e bondade infinitas, atributo essencial de Deus. Aliás, a “justiça divina” segundo a igreja católica é impiedosa e anacrônica em face das legislações penais hodiernas, as quais sempre procuram recuperar e reintegrar os transgressores. Será Deus menos justo do que os seres humanos?

Na segunda parte do livro, denominada “Exemplos”, o Codificador pesquisa e analisa depoimentos mediúnicos de Espíritos em diversos níveis evolutivos. Comenta seus ditados e deduz ensinamentos sobre como se opera a transição da existência física para a vida espiritual destes Espíritos, bem como sua percepção de erros, de acertos, de penas e recompensas e da duração delas. Temos nos ensinamentos de Kardec verdadeiro tratado de como se exercita o aspecto de ciência prática e de observação que caracteriza a Doutrina Espírita em seu caráter científico.

E, o mais importante, por meio dos relatos destes Espíritos os ensinamentos do Espiritismo sobre o assunto são confirmados. Para tanto, Kardec submete os depoimentos dos Espíritos ao critério de Revelação, bem como ao critério da Autoridade da Doutrina Espírita no Controle Universal do Ensino dos Espíritos ⁽¹⁾.

Mas não é só. No livro “O Céu e o Inferno”, Allan Kardec nos proporciona um magnífico curso de argumentação, de lógica, de pesquisa e de análise não só dos grandes temas das doutrinas espiritualistas, mas também das comunicações dos Espíritos, pertencentes a diversos estágios evolutivos.

Portanto, podemos utilizar este livro não só para aprender os temas nele contidos, que são da mais alta importância existencial, mas, inclusive, para ensinar e aprender como efetuarmos dissertação argumentativa, análise e pesquisa.

Paulo Castanheiras

Notas:

(1) Para a questão da “revelação”, favor ler no livro “A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo”, Capítulo I, “Caracteres da Revelação Espírita”. E, ler também no livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Introdução, Item II, Autoridade da Doutrina Espírita, Controle Universal do Ensino dos Espíritos.

(2) Codificação Espírita consiste nos livros escritos por Allan Kardec sobre a Doutrina Espírita. Outras obras, escritas por autores encarnados e desencarnados sobre os conhecimentos espíritas são opiniões pessoais destes autores.

Acesse o livro O Céu e O Inferno completo aqui:

https://www.geedem.org.br/files/ugd/e8d4a7_1d70e5a9052243d7aebbb13b8c6704d1.pdf

Fonte: cafecomkardec.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

“Reformule o seu conceito de si mesmo. Você não é um pobrezinho abandonado no mundo. Os próprios vermes são protegidos pelas leis naturais. Por que motivo só você não teria proteção? Tire da mente a ideia de pecado e castigo. O que chamam de pecado é o erro, e o erro pode e deve ser corrigido. Corrija-se.”
(J. Herculano Pires . A Obsessão, O Passe, A Doutrinação.)

Os Tempos São Chegados, Mas Que Tempos São Esses?

Em diversas religiões, o “fim do mundo” é um evento previsto em seus textos sagrados e nas tradições orais. As previsões escatológicas povoam as narrativas de igrejas e comunidades salvacionistas, geralmente com a apresentação de um cenário que marca a divisão entre bons e maus, eleitos e rejeitados, salvos e condenados. Não somente as linhas cristãs assumem um período que demarca a transição de uma era em decadência para outra renovada, mas também o Hinduísmo, o Zoroastrismo, o Islamismo e o Judaísmo, dentre outras.



O Espiritismo, como filosofia espiritualista, serve-se dos ensinamentos doutrinários apresentados por Kardec para a análise do contexto histórico e cultural das tradições, basicamente da judaico-cristã, para lançar luzes sobre a compreensão racional da marcha da humanidade.

No capítulo 18 da obra *A Gênese*, de Allan Kardec, intitulado “Os tempos são chegados” esclarece-se que há na Terra dois tipos de progresso: o físico e o moral. Enquanto o primeiro se refere às transformações geológicas que o planeta passa, o segundo diz respeito ao aprimoramento dos Espíritos encarnados e desencarnados que a povoam, tomando a conduta de Jesus como modelo e guia.

Como o homem sempre progride e nunca retrograda em seu processo evolutivo, por mais imperceptível que seja o avanço moral sob as lentes de uma única encarnação, é no conjunto das experiências do ser que evidencia-se o seu desenvolvimento. A feira reencarnatória do Espírito faz com que sua jornada seja única e individualizada, ocupando diferentes orbes e compartilhando vivências com outros seres em uma ampla rede solidária que constitui a comunidade espiritual.

Materialmente, planetas formam-se e colapsam-se. Estima-se que a idade da Terra seja de 4,5 bilhões de anos, assim como daqui a 1,8 bilhão de anos a vida orgânica cessará e em cerca de 5 bilhões de anos todo o planeta será absorvido pela expansão do Sol.^[1]

Para o Espírito, entretanto, bilhões de anos, trilhões de séculos ou qualquer medida temporal não alteram sua perenidade, acrescentando-se a situação de que o mundo espiritual preexiste e sobrevive ao mundo físico, portanto a idade do universo materialmente conhecido não afeta a realidade espiritual. A própria noção de tempo que possuem os encarnados desaparece perante a imortalidade da alma e, quanto mais evoluído é o Espírito, os conceitos de passado, presente e futuro assumem características que estamos longe de compreender.

No universo, tudo está em harmonia conforme a vontade soberana de Deus e o que parece ser uma perturbação nada mais é do que uma percepção limitada do homem que não compreende o todo^[2]. Considerando que o progresso é uma Lei da Natureza, depreende-se que todos realizarão a perfeição de que o Espírito é suscetível e o nível moral dos habitantes da Terra atingirá um estágio de regeneração, superando a classificação atual de mundo de expiações e provas, conforme escala evolutiva.^[3]

Uma das percepções limitadas (e equivocadas) do homem é a suposição de que todo o progresso do Espírito ocorre na Terra. Desde o momento em que o Espírito desperta para a razão e moralidade, ele assume responsabilidade sobre os seus atos e aprende com as respectivas consequências, sendo impulsionado pelas próprias Leis Naturais a autoconhecer-se e atuar em consonância com a própria consciência. Para tanto, o Espírito encarna em inúmeros corpos e condições físicas no universo, a partir dos mundos primitivos. A Terra é um minúsculo ponto nessa trajetória e os corpos aqui existentes não contêm todas as desconhecidas constituições físicas possíveis. Exercita-se, inadvertidamente, a especulação de qual seria o animal mais inteligente neste planeta que poderia vincular-se à transição para o homem mais primitivo, ignorando-se o resto do universo.

Mas afinal, que tempos são esses que foram anunciados pelos Espíritos a Kardec?

Como referência evolutiva, quanto mais próximo da autorrealização espiritual pelo seu desenvolvimento moral e intelectual, mais feliz será o ser humano. Uma vez que todos se autorrealizarão, inexoravelmente, todos superarão, por mérito individual, a necessidade de experiências reencarnatórias em locais dominados pelas sensações brutas e paixões para vivenciar o convívio norteado pela sabedoria e pela fraternidade. Como em qualquer mundo, são os habitantes que caracterizam o estágio evolutivo da Terra. Atualmente, por força do progresso, vislumbra-se o cenário no qual a prática da caridade em sua verdadeira acepção e o conhecimento da realidade promoverão o bem comum.

A expressão “os tempos são chegados” destaca que os homens e, conseqüentemente, as sociedades nas quais participam, estão em dinâmico aprimoramento moral e intelectual, devendo atrair e serem atraídos para os contextos necessários à autorrealização. Por uma questão de afinidade e harmonia natural, os Espíritos conviverão entre si e habitarão os planetas mais condizentes com o próprio nível evolutivo. Entre uma e outra categoria de mundos habitados, há inúmeras gradações. Assim, mais importante que a classificação moral que um orbe pode ter, é saber que o tempo já chegou para cada indivíduo demonstrar o esforço individual para construir o verdadeiro Reino de Deus dentro de si mesmo, seja na Terra ou em mundos que nem suspeitamos existir.

Marco Milani

[1] Ver Rushby, A. J. et al. (2013). *Habitable Zone Lifetimes of Exoplanets around Main Sequence Stars*. *Astrobiology*. V. 13, N. 9. Disponível em <https://www.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/ast.2012.0938?journalCode=ast>

[2] Ver Kardec, A. (2021) *A gênese*. Cap. 18, item 4.

[3] Ver Kardec, A. (2003). *O evangelho segundo o Espiritismo*. Cap. 3, item 4. São Paulo: LAKE.

Fonte: Texto publicado na Revista Dirigente Espírita (USE SP, mai/jun 2022 - ed. 189, p. 62-63)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

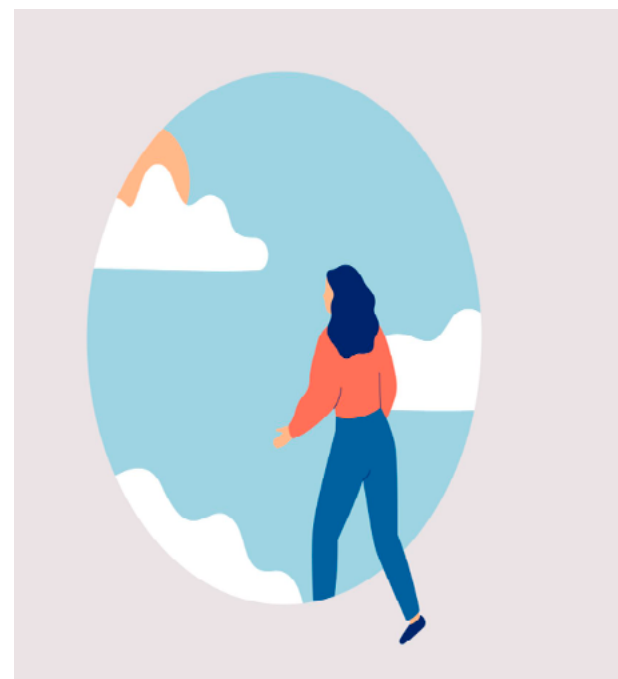
O Nada e a Vida Futura

Na vida, temos dúvidas e incertezas, com a morte do corpo físico, se tudo acabará no nada ou se a vida continuará pela imortalidade do Espírito. Por conseguinte, questionamos sobre o verdadeiro sentido da vida: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Por que sofremos? Qual o objetivo da nossa existência?

Allan Kardec, no livro “O céu e o inferno”, no Capítulo I, em “O porvir e o nada”, no item 1, inicia a sua análise com as reflexões: “Vivemos, pensamos e operamos – eis o que é positivo; e que morremos, não é menos certo. Mas, deixando a Terra, para onde vamos? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? Ser ou não ser, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada: Viveremos eternamente ou tudo se aniquilará de vez? (...) Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar e ser feliz. Dizei ao moribundo que ele viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura o tenha sido, e o seu coração rejubilará.”

Afastando-se o horror do nada, tendo-se a certeza de que a vida continuará após a morte do corpo físico, o ânimo para viver será outro, porquanto a crença na vida futura fará viver com fé, confiança, esperança, resignação e alegria, mesmo diante das duras provações e expiações que provocam sofrimentos e dores nos seres humanos.

Por outro lado, a crença de que tudo se acabará com a morte, a motivação na vida será exatamente oposta, como observa Kardec: “De que serviriam, então, essas aspirações de felicidade, se um leve sopro pudesse dissipá-las? Haverá algo de mais desesperador do que esse pensamento da destruição absoluta? Afeições caras, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquiridos, tudo despedaçado, tudo perdido! De nada nos serviria, portanto, qualquer esforço na repressão das paixões, de fadiga para nos ilustrarmos, de devotamento à causa do progresso, desde que de tudo isso nada aproveitássemos, predominando o pensamento de que amanhã mesmo, talvez, de nada nos serviria tudo isso. Se assim fora, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto, porque este vive inteiramente do presente na satisfação dos seus apetites materiais, sem aspiração para o futuro. Diz-nos uma secreta intuição, porém, que isso não é possível.” (Kardec. *O céu e o inferno*. Cap. I, em “O porvir e o nada”, item 1)



Assim, há grande diferença entre o pensamento materialista, entendendo que tudo se acabará ao final de uma vida física na Terra, e a visão espiritualista, que acredita na vida futura, prosseguindo além do fim de uma existência corpórea.

Conceitualmente, o nada não existe, podendo significar vazio, ou o nada não é coisa alguma, logo não existe; ou traduz a ideia que se tem da não-existência de coisa alguma. Mentalmente, concebemos o nada pela ausência de qualquer coisa que seja, como o vazio absoluto, ou o fim de tudo.

Na mesma direção, em “*O Livro dos Espíritos*”, na questão 23, ao responder acerca da natureza do Espírito, tem-se a afirmação: “Ficai sabendo: coisa nenhuma é o nada e o nada não existe.” Na questão 36, Kardec pergunta se o vácuo absoluto existe em alguma parte no Espaço universal, tendo como resposta: “Não, não há o vácuo. O que te parece vazio está ocupado por matéria que te escapa aos sentidos e aos instrumentos.”

Kardec, no livro “*A Gênese*”, no Capítulo I, em “Caráter da revelação espírita”, nos itens 35 e 37, comenta: “*Com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida e, assim, os seres humanos não são solidários no futuro. (...) Nada esperando depois da morte, faz de tudo para aumentar os gozos do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, com a convicção de encontrar novamente aqueles a quem amou e com o temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu, todas as suas ideias mudam*”.

Ainda Kardec, no livro “*O céu e o inferno*”, no Capítulo I, em “*O porvir e o nada*”, no item 2, esclarece:

“Pela crença em o nada, o homem concentra todos os seus pensamentos, forçosamente, na vida presente.

Logicamente não se explicaria a preocupação de um futuro que se não espera.

Esta preocupação exclusiva do presente conduz o homem a pensar em si, de preferência a tudo: é, pois, o mais poderoso estímulo ao egoísmo, e o incrédulo é conseqüente quando chega à seguinte conclusão: gozemos enquanto aqui estamos; gozemos o mais possível, pois que conosco tudo se acaba; gozemos depressa, porque não sabemos por quanto tempo existiremos.

Ainda conseqüente é esta outra conclusão, aliás mais grave para a sociedade: gozemos apesar de tudo, gozemos de qualquer modo, cada qual por si; a felicidade neste mundo é do mais astuto.”

No item 4, Kardec continua: “Todos somos livres na escolha das nossas crenças; podemos crer em alguma coisa ou em nada crer, mas aqueles que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, da juventude principalmente, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade do seu saber e no ascendente da sua posição, semeiam na sociedade germens de perturbação e dissolução, incorrendo em grande responsabilidade.”

A visão acerca da vida terminar no nada, sem uma perspectiva futura, é desastrosa para a evolução da Humanidade, posto que, dominada pelo egoísmo materialista, afasta a necessidade da aquisição de virtudes e atributos morais para o progresso dos seres humanos, quer individualmente ou sob o aspecto coletivo para o avanço da sociedade.

“Equivale isso a dizer que o materialismo, com o proclamar para depois da morte o nada, anula toda responsabilidade moral ulterior, sendo, conseqüentemente, um incentivo para o mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranquilidade o despertar na outra vida” (Allan Kardec. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Introdução).

Por conseguinte, nada esperando depois da morte, o ser humano fará de tudo para aumentar os gozos do presente. Se sofre, só terá a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas serão os maiores incitantes às quedas do ser humano. Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada.

A imortalidade do Espírito e a vida futura são de difícil aceitação e compreensão, apesar dos testemunhos e das revelações evangélicas, bem como do ceticismo para com os fenômenos espirituais e da descrença nas comunicações mediúnicas recebidas por inúmeros médiuns, independente de eles serem religiosos ou não.

O Espírito Joanna de Ângelis, no livro “Amor imbatível amor”, na psicografia de Divaldo Pereira Franco, ensina: “Existir significa ter vida, fazer parte do Universo, contribuir para a harmonia do Cosmos. A existência humana é uma síntese de múltiplas experiências evolutivas, trabalhadas pelo tempo através de automatismos que se transformam em instintos e se transmudam nas elevadas expressões do sentimento e da razão. À medida que os automatismos biológicos se convertem em impulsos dirigidos – ressaltados alguns que permanecerão sem a contribuição da consciência – o ser psicológico passa a sobressair, conduzindo, de início, a carga dos atavismos que deverão ser remanejados, diluindo aqueles de natureza perturbadora e aprimorando aqueles que se transformarão em fontes de alegria, de prazer e de paz...”



O Espírito Manoel Philomeno de Miranda, na psicografia de Divaldo Pereira Franco, no livro “Transição Planetária”, constata: “Religiosamente, todos estamos informados de que o túmulo não significa aniquilamento, portanto, sabemos que a vida prossegue. Seria lógico, em consequência, vivermos de maneira compatível com essa convicção, o que realmente não ocorre”.

Manoel Philomeno de Miranda acrescenta:

“Jesus morreu, a fim de que pudesse ressuscitar ao terceiro dia, demonstrando a imortalidade e comunicando-se com os amigos queridos que haviam ficado na retaguarda, aguardando a confirmação das Suas palavras luminosas.

Graças ao Seu retorno, é que o Evangelho pôde ser confirmado e a mensagem de que é portador tornou-se esperança de todos aqueles que sofrem e se encontram à borda do abismo, sem entregar-se ao medo ou ao desamino.

Confiar, portanto, que há um reino além da carne que nos espera a todos, é dever de todo cristão, cuja doutrina se assenta na certeza da vitória sobre o decesso tumular”.

Embora, para os cristãos, Jesus na transfiguração do Monte Tabor conversou com os Espíritos de Elias e Moisés, ressuscitou ao terceiro dia e realizou as suas aparições espirituais depois de ressuscitado, comunicando-se com os amigos queridos, para nos demonstrar a imortalidade do Espírito, mesmo assim duvidamos da imortalidade do Espírito e da vida futura.

Sobre a imortalidade dos Espíritos, em “O Livro dos Espíritos”, nas questões 80, 83 e 115, somos esclarecidos que todos os Espíritos são permanentemente criados simples e ignorantes por Deus e que as suas existências não têm fim. O Espírito nasce simples e ignorante, começando a sua jornada evolutiva na busca da perfeição (resposta à questão 132) em pluralidade de existências.

Além disso, sem a reencarnação não é possível atingir o aperfeiçoamento e a evolução espiritual, pois na questão 132 de “O Livro dos Espíritos: “Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição”. Logo, a encarnação é um determinismo divino para se atingir a perfeição.

Assim, a crença na vida futura pela imortalidade do Espírito, em constante progresso intelectual, moral e espiritual, conduz para a busca da perfeição e da felicidade decorrentes das ações renovadoras e edificantes do passado, presente e futuro. Para tanto, importante viver o permanente agora como uma oportunidade consciente de que a vivência atual terá consequências na vida futura.

Para tanto, será necessária a aquisição dos bens imperecíveis, representada pelo tesouro do conhecimento e da moral. No entanto, trata-se de tarefa árdua, de investimento contínuo, mas garantidor de felicidade duradoura, no presente e no futuro, em ambos os planos da vida. A chave da felicidade revela-se, segundo o Espiritismo, na prática do bem, no qual se é possível exercitar a caridade, porquanto as ações desenvolvidas pelo homem, no presente, influenciarão a sua vida futura.

Por fim, “*Sob o domínio da crença de que tudo se acaba com a vida, a imensidade é o vácuo, o egoísmo reina soberano entre vós e a vossa palavra de ordem é: ‘Cada um por si.’ Com a certeza do futuro, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: ‘Um por todos e todos por um.’ Enfim, ao termo da vida dizíeis eterno adeus aos que vos são caros; agora simplesmente direis: ‘Até breve!’*” (Allan Kardec. A Gênese. Capítulo I. Item 62).

Bibliografia:

ÂNGELIS, Joanna de (Espírito); na psicografia de Divaldo Pereira Franco. *Vida feliz*. 18ª Edição. Salvador/BA: Editora Leal, 2020.

KARDEC, Allan; tradução de Evandro Noleto Bezerra. *A Gênese*. 2ª Edição. Brasília/DF: Federação Espírita Brasileira, 2013.

KARDEC, Allan; tradução de Evandro Noleto Bezerra. *O céu e o inferno*. 2ª Edição. Brasília/DF: Federação Espírita Brasileira, 2013.

KARDEC, Allan; tradução de Guillon Ribeiro. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 1ª Edição. Brasília/DF: Federação Espírita Brasileira, 2019.

KARDEC, Allan; tradução de Guillon Ribeiro. *O Livro dos Espíritos*. 1ª Edição. Brasília/DF: Federação Espírita Brasileira, 2019.

KARDEC, Allan; tradução de Evandro Noleto Bezerra. *Obras póstumas*. 2ª Edição. Brasília/DF: Federação Espírita Brasileira, 2013.

KARDEC, Allan; tradução de Evandro Noleto Bezerra. *O que é o Espiritismo*. 2ª Edição. Brasília/DF: Federação Espírita Brasileira, 2017.

MIRANDA, Manoel Philomeno de (Espírito); Divaldo Pereira Franco (psicografado por). *Transição Planetária*. 5ª Edição. Salvador/BA: Editora Leal, 2017.

Fonte: juancarloespiritismo.blogspot.com

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Inteligência Artificial e Espiritismo

Em 1996 a gigante de tecnologia IBM criou o supercomputador Deep Blue, cuja missão era desafiar o então campeão mundial de xadrez Garry Kasparov. O match foi vencido por Kasparov; porém, numa das rodadas, pela primeira vez na história um computador venceu o campeão do mundo em tempo normal. Assim, caiu por terra um dos últimos bastiões de orgulho intelectual da raça humana. Ao final, Kasparov profetizou: “sou o último ser humano campeão de xadrez”. A profecia foi confirmada no match de 1997, vencido por Deep Blue. Desde então, as máquinas tornaram-se imbatíveis no jogo de xadrez, o qual é considerado o ícone dos problemas de raciocínio lógico.



Inteligência Artificial é uma área da ciência que estuda a inteligência e procura reproduzi-la em máquinas. Seu progresso faz com que computadores e robôs se comportem de formas que, até recentemente, supunham-se exclusivas da inteligência humana. Diante disso, emerge uma intrigante questão: pode uma máquina ser mais inteligente do que os seres humanos? Pode uma criação superar o seu criador na sua faculdade mais significativa: a inteligência?

Nas últimas décadas o avanço da tecnologia na área de inteligência artificial vem ocorrendo em ritmo muito acelerado. Diversas habilidades das máquinas, até então inexistentes, vêm alcançando patamar de desempenho superior ao humano. Isso inclui, por exemplo, a visão computacional, que é a capacidade de analisar imagens, obtendo informações e reconhecendo padrões. Outro feito notável é o processamento de linguagem natural, disponível em aplicativos do grande público, como Cortana, Siri e Google Assistente. Neste ramo, em 2016 a empresa Hanson Robotics construiu o robô humanoide Sophia, capaz de utilizar 62 gestos e expressões faciais humanas, enquanto conversa sobre tópicos predefinidos e responde às perguntas dos seus interlocutores. Sophia causou furor devido ao seu comportamento, desenvoltura e, principalmente, a sua semelhança com a fisionomia humana.

Tomando o conceito de inteligência como o conjunto de todas as faculdades intelectuais, tais como: memória, raciocínio, abstração, etc., vemos que algumas destas habilidades já se encontram suplantadas pelo computador. Basta observarmos como um computador memoriza instantaneamente as informações de uma enciclopédia inteira, ou como resolve fórmulas matemáticas demasiado complexas para um cérebro humano. Por outro lado, a criatividade é uma das faculdades intelectuais que diferenciam a inteligência humana e a artificial. A criatividade que é cabível a uma máquina inteligente é aquela que pode ser obtida por ações combinatórias ou exploratórias, isto é, que examinam múltiplas combinações de ideias familiares, a fim de gerar uma nova ideia, ou então que exploram lacunas e restrições existentes num certo domínio.

Este tipo de criatividade é realizado mais eficazmente por uma inteligência artificial do que pela humana, devido ao caráter exaustivo deste método criativo. Por outro lado, não se concebe uma máquina que tenha a criatividade espontânea, repentina e imprevisível como a de um insight, uma inspiração, uma intuição – algo tão comum entre artistas e cientistas humanos. Em relação aos insights geniais, a Doutrina Espírita afirma que algumas vezes essas ideias vêm do próprio indivíduo; porém, de outras vezes, as ideias lhes são sugeridas mentalmente por outros Espíritos ^[1]. As mentes humanas, encarnadas e desencarnadas, formam uma rede interdimensional que interconecta os seus pensamentos, entre si e, em última instância, com o Criador. Isto é uma diferença significativa entre a criatividade humana e a das máquinas inteligentes.

Outro aspecto a ser destacado na diferenciação entre a inteligência humana e a artificial é a habilidade de realizar juízo de valor, baseado em seu código moral, definindo o bem e o mal, o certo e o errado. Por mais que se tente inserir numa inteligência artificial os parâmetros e critérios de um código moral elevado, este não terá a perfeição das leis divinas, porque será uma criação humana, afetada por inevitáveis contradições e imperfeições. Diferentemente, a Doutrina Espírita afirma que o ser humano carrega em sua consciência o código moral das leis divinas ^[2]. Buscando a sua “centelha divina” interior, o homem é capaz de orientar-se por meio de sua bússola moral inata e elevar a sua capacidade de juízo.



Reconhecendo as limitações e diferenças intelectuais e morais entre humanos e máquinas, cabe uma reflexão: diante da visão espírita, é viável um mundo em que máquinas extremamente inteligentes convivam conosco, realizando grande parte das atividades que eram exclusivas da raça humana? A resposta a esta questão está na “lei do progresso”, que assevera que nada pode impedir a marcha progressiva e lenta da humanidade, uma vez que ela é resultante natural da força das coisas ^[4]. Segundo o espírito Santo Agostinho ^[5], a lei do progresso aplica-se tanto aos seres animados, como aos inanimados; por conseguinte, aplica-se a computadores e robôs. Ao longo da história da humanidade, cada período de revolução industrial trouxe inúmeros progressos e melhorias na qualidade de vida. A primeira revolução industrial, em meados do século XVIII, trouxe a máquina a vapor, o aumento da produção e da circulação de mercadorias e de pessoas. A segunda revolução industrial, um século depois, trouxe o petróleo, a energia elétrica, a telefonia, o rádio, as linhas de montagem e a produção em série. A terceira revolução industrial, no século seguinte, trouxe os computadores e a internet. Nos dias atuais, estamos vivenciando a quarta revolução industrial, promovida pelas máquinas inteligentes e outras tecnologias disruptivas. É a inegável expressão da lei do progresso, em seu aspecto intelectual e material. O progresso moral virá por decorrência, ainda que não seja de imediato ^[4].

Podemos ainda questionar, do ponto de vista da filosofia espírita: um mundo em que as máquinas realizem toda sorte de atividades, graças à sua extraordinária inteligência artificial, não viola a lei do trabalho, um dos princípios morais do Espiritismo? Da mesma forma que máquinas mecânicas substituíram o trabalho braçal nas primeiras revoluções industriais, agora máquinas inteligentes substituirão uma gama maior de trabalhos anteriormente realizados por humanos. Isto não configura uma violação à lei do trabalho, tendo em vista o conceito de que “toda ocupação útil é trabalho” ^[3]. Ainda que o homem possua bens e serviços em abundância, providos por máquinas inteligentes que lhe assegurem a subsistência material, ele não se encontrará isento da obrigação moral de tornar-se útil aos seus semelhantes, conforme os meios que disponha, nem de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que também é uma forma de trabalho ^[3].

Por fim, cabe uma reflexão sobre as visões sombrias e distópicas que a ficção futurista vez por outra nos traz, projetando um mundo em que os seres humanos são dominados por máquinas extremamente inteligentes e cruéis. Alguns exemplos emblemáticos são os filmes “O Exterminador do Futuro” e “Matrix”. Contra essas visões pessimistas, devemos lembrar que o nosso planeta não é uma nau à deriva, pois caminha a passos largos na transição a um mundo de regeneração ^[6]. A humanidade já passou por terríveis períodos de tirania e dominação de um povo sobre outro, desde o Império Romano até o nazismo alemão. É compreensível que no subconsciente de muitos indivíduos exista o temor de que o sofrimento passado em outras encarnações venha a repetir-se, caso surja uma nova espécie artificial com poderio intelectual dominante sobre todos nós. Contudo, o futuro não está fadado a repetir o passado; a lei do progresso assegura o oposto.

Por fim, cabe uma reflexão sobre as visões sombrias e distópicas que a ficção futurista vez por outra nos traz, projetando um mundo em que os seres humanos são dominados por máquinas extremamente inteligentes e cruéis. Alguns exemplos emblemáticos são os filmes “O Exterminador do Futuro” e “Matrix”. Contra essas visões pessimistas, devemos lembrar que o nosso planeta não é uma nau à deriva, pois caminha a passos largos na transição a um mundo de regeneração ^[6]. A humanidade já passou por terríveis períodos de tirania e dominação de um povo sobre outro, desde o Império Romano até o nazismo alemão. É compreensível que no subconsciente de muitos indivíduos exista o temor de que o sofrimento passado em outras encarnações venha a repetir-se, caso surja uma nova espécie artificial com poderio intelectual dominante sobre todos nós. Contudo, o futuro não está fadado a repetir o passado; a lei do progresso assegura o oposto.

1 - KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. 93ª ed. 2013, questão 462.

2 - Id. Ibid. - questão 621.

3 - Id. Ibid. - questões 675 e 679.

4 - Id. Ibid. - questões 780 e 783.

5 - Id. O Evangelho segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. 131ª ed. 2013, cap. 3.19.

6 - Id. A Gênese. Tradução de Guillon Ribeiro. 53ª ed. 2013, cap. 18.

Fonte: espiritismo.net

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Tudo no Universo se processa mediante a ação e o controle de leis naturais, que correspondem à imanência de Deus no mundo através de suas leis. Toda a realidade verificável é natural, de maneira que os espíritos e suas manifestações não são sobrenaturais, mas fatos naturais explicáveis, resultantes de leis que a pesquisa científica esclarece.

J. Herculano Pires em Curso Dinâmico de Espiritismo.

A Questão das Assinaturas de Espíritos

Allan Kardec mostrou-se preocupado com a questão da identidade dos Espíritos desde o início da organização doutrinária, pois constatou a diversidade cultural e moral dos indivíduos desencarnados e entreviu os riscos inerentes ao relacionamento com eles.

Em Instrução prática sobre as manifestações espíritas (1858) tratou do tema no capítulo Das relações com os Espíritos. Em O que é o espiritismo (1859) discorreu sobre ele e afirmou: "[...] Devemos, pois, abster-nos de crer de um modo absoluto na autenticidade de todas as assinaturas de Espíritos".⁽¹⁾ Foi, porém, no capítulo XXIV de O livro dos médiuns (1861) que conferiu à questão abordagem extensa, minuciosa e completa.⁽²⁾



Antecedentes

O assunto não é novo na História.

Eurípedes, em 413 a.C., fez o personagem Orestes questionar um oráculo vindo supostamente do deus Apoio, recebido em Delfos, que lhe impunha vingar a morte do pai à custa da vida da mãe adúltera: *"Não teria sido algum espírito infernal quem disso me persuadiu sob a forma de uma divindade?"* Sua irmã Electra discordou: *"Um espírito infernal... sobre os altares sagrados? Ah! não creio!"* Mas Orestes não se convenceu: *"No entanto, eu não admitirei nunca que semelhante oráculo tenha sido legítimo..."*.⁽³⁾

Recomendou I João, 4:1: *"Amados, não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus."*⁽⁴⁾

Shakespeare anotou em Tragédias na cena em que após os generais Banquo e Macbeth são abordados, por três bruxas, e recebem profecias de ascensão política, que os instrumentos sombrios, como artil para nos conduzir até a destruição, "contam-nos verdade, cativam-nos com insignificâncias claramente honestas, só para trair-nos em consequências as mais profundas".⁽⁵⁾

Advertência

A questão da identidade dos Espíritos "é uma das mais controvertidas", afirmou o Codificador no item 255 do capítulo XXIV de O livro dos Médiuns (LM). É, na verdade, "depois da obsessão, uma das maiores dificuldades que apresenta" a prática mediúnica.

Certos Espíritos se passam por personalidades respeitáveis. Falseiam o caráter, ocultam suas disposições intelectuais, emocionais e morais, imitando as personalidades que lhes interessam, seja para transmitirem ensinamentos falsos, seja para enredar o médium na obsessão por fascinação, lisonjeando-lhe a vaidade pela grandeza dos nomes que por ele se comunicam.

Orientações gerais

A identificação absoluta, indubitosa, de um Espírito é difícil de obter. Há casos em que ela é importante, em outros, é "questão secundária e sem importância real" (LM, it. 255).

Nas comunicações instrutivas o que importa é a apreciação moral dos Espíritos e a qualidade de seus ensinamentos. Os nomes ajudam a fixar as ideias, associando-as a seus autores. Os Espíritos bons podem usar emprestado o nome de uma personalidade respeitada, de semelhante grau de elevação espiritual, sem que isso traduza fraude, somente a indicação de sua ordem evolutiva. Os "melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem maiores consequências"; eles formam, por assim dizer, "um todo coletivo" (LM, it. 258), em que há "solidariedade e analogia de pensamentos" (LM, it. 268, subit. 4).

Já o mesmo empréstimo não desonra da condição de usurpadores os Espíritos que querem esconder sua ordem evolutiva inferior, atribuindo--se um nome respeitável, com o objetivo de receber mais crédito às suas palavras.

Já o mesmo empréstimo não desonera da condição de usurpadores os Espíritos que querem esconder sua ordem evolutiva inferior, atribuindo--se um nome respeitável, com o objetivo de receber mais crédito às suas palavras.

A identificação dos Espíritos é, sobretudo, relevante nos casos de comunicações íntimas, isto é, de familiares e amigos, "porque aí é o indivíduo, a sua pessoa mesma que nos interessa" (LM, it. 256).

Provas possíveis

Na Revista Espírita de março de 1862, analisando o caso Carrère, Allan Kardec declarou que "as melhores provas são as que se originam da espontaneidade das comunicações".⁽⁶⁾

O estilo de linguagem, o emprego de palavras do gosto pessoal, as citações de fatos particulares de suas vidas, desconhecidos dos praticantes, circunstâncias especiais e imprevisíveis que se apresentam ao longo e na sucessão dos diálogos produzem um mosaico de elementos demonstrativos da identidade dos comunicantes.

A "melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas" (LM, it. 260). Por isso, é melhor esperar que as provas surjam naturalmente, e não provocá-las, pedindo-as aos Espíritos (LM, it. 258).

Identificação pela caligrafia e assinatura

A semelhança de caligrafia e de assinatura nas comunicações psicográficas gera uma presunção favorável à identidade, mas não uma garantia. "Há falsários no Mundo dos Espíritos" (LM, it. 260).

Carlos Augusto Perandrea, professor da disciplina "Identificação Datiloscópica e Grafotécnica" na Universidade Estadual de Londrina, apresentou a comprovação pericial da autenticidade gráfica da escrita e da assinatura de Espíritos em mensagens psicografadas por Francisco Cândido Xavier,⁽⁷⁾ médium dotado de uma aptidão especial para esse efeito que nem todos os psicógrafos possuem, por mais mecânicos que sejam (LM, it. 219).

Identificação pela linguagem

"Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem" (LM, it. 255).

Há relação entre a linguagem e o grau de elevação espiritual. Ela revela o indivíduo: formação, moral, ideias, gostos, ideais, manias. Emmanuel afirmou que "a fala, de modo invariável, reflete o grupo moral a que pertencemos"⁽⁸⁾ é o "índice de nossa posição evolutiva".⁽⁹⁾ E Jesus ensinou ⁽¹⁰⁾ que "da abundância do coração fala a boca" (Mateus, 12:34).

A linguagem pode ser imitada. No começo dos anos de 1980, um falsificador alemão aprendeu a imitar a caligrafia de Hitler; assimilou seu estilo literário; leu várias biografias eruditas do Führer, escreveu minuciosos relatos à feição de diários, que formaram 60 cadernos. O resultado foi tão espetacular que enganou o historiador britânico Hugh Trevor-Roper, professor de Oxford, um dos principais especialistas no líder do Nazismo, e a impostura foi vendida por 4,8 milhões de dólares para a revista alemã Stern.

Allan Kardec percebeu os riscos das imitações. Seu conselho: estudar "o ditado em seu conjunto, de mente aberta, perscrutando o fundo das ideias, o alcance das expressões", pois "certos aspectos formais de linguagem podem ser imitados, mas não o pensamento". Como ele acrescentou, jamais "a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude" (LM, it. 261); quando os Espíritos inferiores tentam imitar o pensamento dos Espíritos nobres fazem-no "como os cenários do teatro imitam a Natureza" (LM, it. 268, subit. 24).

A lógica e o bom senso nas comunicações

Kardec enfatizou que uma comunicação deve ser examinada perscrutando e analisando suas ideias e expressões, "rejeitando, sem hesitação, tudo o que for contrário à lógica e ao bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que supomos esteja se manifestando" (LM, it. 266).

Anna Blackwell, tradutora de algumas obras de Kardec para o inglês, conhecendo-o bem, teve razão em dizer que ele era "precavido e realista até quase à frieza, cético por natureza e por educação, argumentador lógico e preciso, e eminentemente prático em suas ideias e ações, distanciado assim do misticismo que do entusiasmo".⁽¹¹⁾

O Codificador completou sua recomendação: "este é o único meio, porém, o meio infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa" (LM, it. 266); "Tudo o que se afaste da lógica, da razão e da prudência não pode deixar dúvida quanto à sua origem" (LM, it. 267, subit. 5).

Quando publicou O evangelho Segundo o Espiritismo (1864), ele disse que esse cuidado habilitará o Movimento Espírita a garantir a unidade doutrinária, orientando-se pela concordância dos ensinamentos dos Espíritos, reservando aos ensinamentos sem a validação da universalidade o status de tese de esclarecimento, a exigir, por isso mesmo, "maior prudência em dar-lhes publicidade".⁽¹²⁾

Distinção entre os Espíritos bons e maus

É imprescindível verificar em que grau da escala espírita se encontram os Espíritos que fazem comunicações instrutivas ou que se apresentam como guias espirituais, e assim saber que medida de confiança merecem. "A individualidade deles pode até nos ser indiferente; nunca, porém, suas qualidades morais" (LM, it. 262).

A linguagem dos Espíritos Superiores é elevada, modesta, concisa, pois "têm a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras" (LM, it. 267, subit. 9); pode até conter gracejos, mas "finos e sutis, nunca triviais" (LM, it. 267, subit. 24).

O que mais interessa numa comunicação é "sondar-lhe o íntimo, analisar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção" (LM, it. 267, subit. 5).

Comentando o versículo da carta atribuída a Tiago, 3:7, Emmanuel disse⁽¹³⁾ que "*Toda página escrita tem alma e o crente precisa auscultar-lhe a natureza. [...]*". O versículo discerniu, maravilhosamente: "*a sabedoria que vem do alto é, antes de tudo, pura, depois pacífica, indulgente [moderada, em algumas traduções], conciliadora, cheia de misericórdia e de bons frutos, isenta de parcialidade e de hipocrisia*", (14) jamais é portadora dos "*venenos sutis da parcialidade humana*".⁽¹⁵⁾

Tudo isso deve ser analisado dentro de uma "uniformidade constante das boas comunicações" (LM, it. 268, subit. 11).

Identificação pela aparência

Kardec perguntou aos Espíritos se entre eles haveria aqueles capazes, "[...] aos olhos de um médium vidente, de tomar uma falsa aparência?" (LM, it. 268, subit. 14) Sim, responderam; é possível enganar "por meio das falsas aparências".

Manoel Philomeno de Miranda relata⁽¹⁶⁾ a tentativa de Espíritos maus de iludirem, por esse estratagema, os próprios Espíritos nobres:

[...] em realidade, não tivemos aqui, o antigo sacerdote Elia-chim bem Sadoch, mas um clone dele, um Espírito que lhe assemelhou as características com o objetivo de enganarmos, já que, no seu reduto, ele acompanhou os lances do nosso encontro.

Alguns médiuns não são propriamente videntes, mas podem captar clichês mentais produzidos por participantes encarnados ou desencarnados de uma reunião mediúnica, através do diencéfalo,⁽¹⁷⁾ a parte do cérebro que está apta a decodificar um quadro fluídico em processo visual, o que constitui outra porta para o engodo.

Identificação pelo estado vibratório

Os Espíritos bons transmitem impressão agradável, suave, tranquila. A aproximação dos Espíritos maus produz mal-estar, pode até causar agitação física, pelo modo com que afeta a sensibilidade nervosa do médium (LM, it. 267, subit. 19).

Kardec, entretanto, chamou a atenção para um detalhe:

"[...] O caráter penoso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, pois se o Espírito do médium simpatiza com o Espírito mau que se manifesta, será pouco ou nada afetado pela proximidade deste" (LM, it. 268, subit. 28 - Comentário de Kardec).

Philomeno de Miranda apresentou o exemplo do médium Davi, (18) cujo intercâmbio com Espíritos mistificadores provocou o embotamento da sensibilidade fluídica:

"Vejo-o, não poucas vezes, assessorado por seres malfazejos que já se utilizam de você fingindo tratar-se de mim... Porque a sua sensibilidade está ficando embotada, não se dá conta da diferença das energias deles e das minhas. [...]"

O exemplo de Allan Kardec

Por volta de 1863, Kardec estava recebendo comunicações mediúnicas "de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra".(19) Na Revista Espírita de maio desse ano, (20) ele apresentou um balanço de seus trabalhos relativos a essas comunicações:

a) Cerca de 3600 comunicações foram examinadas e classificadas; b) mais de 3.000 tinham moralidade irrepreensível, "excelente como fundo", as outras eram más, no fundo e na forma, vindas, quase todas, de médiuns que trabalhavam isolados -"o isolamento favorece a fascinação"; c) mais ou menos 300 eram suscetíveis de publicação; d) apenas 100 eram de "mérito fora do comum" - no "Mundo Invisível, como na Terra, não faltam escritores, mas os bons são raros"; e) 30 manuscritos extensos foram estudados, mas apenas cinco ou seis tinham real valor.

Observações finais

Para "julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo" (LM, it. 267, subit. 26).

A educação da mediunidade passa por fases diversas num percurso quase sempre longo. A paciência é a prova mais comum, nos períodos iniciais, e o discernimento é a vitória progressiva da maturidade, resultante do estudo e da experiência.

Não é desprestígio equivocarse na identificação dos Espíritos, ou sofrer mistificações, nem isso significa ausência de boa assistência espiritual. Mesmo os bons médiuns podem ser enganados; embora "com menos frequência" (LM, it. 226, subit. 9).

O erro tem valor educacional como caminho no processo.

De tudo se colhe um ensinamento, mesmo das piores coisas. Cabe a vós saber colhê-lo. É preciso que haja comunicações de toda espécie, para que aprendais a distinguir os Espíritos bons dos maus e para que vos sirvam de espelho a vós mesmos" (LM, it. 268, subit. 16).

A modéstia é o mais nobre dos adornos: "aquele que não sabe distinguir a pedra legítima da falsa se dirige ao lapidário" (LM, it. 268, subit. 25); ou seja, pede ajuda.

"[...] Toda precaução é pouca para evitar as publicações lamentáveis. [...] mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa"; é necessário "não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos, se quisermos atingir os objetivos a que nos propomos"; "o que deve ser entregue ao público exige condições especiais" - assim orientou Allan Kardec.⁽²¹⁾

Bibliografia:

- 1 KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo. Tradução da redação de Reformador em 1884*. 56. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. II, it. 93 a 96.
- 2 _ . *O Livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013.
- 3 EURÍPIDES. *Alceste, Electra, Hipólito*. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 110 e 111.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho et ai. [8. imp.] São Paulo: Paulus Editora, 2012.
- 5 SHAKESPEARE, William. *Tragédias*. Trad. Beatriz Viegas-Faria. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003. 1 Ato, Cena III, p. 151 e 154.
- 6 KARDEC, Allan. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos*, ano 5, n. 3, p. 117, mar. 1862. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2014.
- 7 PERANDRÉA, Carlos Augusto. *A psicografia à Luz da grafoscopia*. São Paulo: Editora Fé, 1991.
- 8 XAVIER, Francisco C. *Seara dos médiuns. Pelo Espírito Emmanuel*. 20.ed. 7º imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 27 -Palavra.
- 9 _ . *Vinha de Luz. Pelo Espírito Emmanuel*. 8. imp. Brasília: FEB, 2015. cap. 73 - Falatórios.
- 10 DIAS, Haroldo Dutra. *O novo testamento*. Brasília: FEB, 2013.
- 11 WANTUIL, Zêus; THIESEN, Francisco. *ALLan Kardec. pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação*. 4. ed. Brasília: FEB. v. 3,1982. p. 130.
- 12 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 6. imp. (Edição Histórica.) Brasília: FEB, 2016. Introdução, it. II.
- 13 XAVIER, Francisco C. *Pão nosso. Pelo Espírito Emmanuel*. 1. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2016. cap. 14 - Páginas.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. Gilberto da Silva Gorgulho et aL. [8. imp.] São Paulo: Paulus Editora, 2012.

Wesley Caldeira

Fonte: espiritualidades.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

O Cunho da Virtude ou do Vício

No *Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo IX, item 8*, encontramos uma colocação do Espírito Lázaro, em Paris, 1863, que ainda hoje se aplica perfeitamente à situação e à condição da conjuntura social e de uma boa parte da humanidade quanto ao seus posicionamentos éticos, morais e fraternos e suas escolhas, levando-se em conta esses posicionamentos.



Lázaro afirma: **“Cada época é assim marcada pelo cunho da virtude ou do vício, que a devem salvar ou perder”**. E bastamos um pouco de conhecimento e de reflexão para entendermos e constatarmos a veracidade dessa afirmativa.

No desenrolar de milênios e séculos vimos essas situações se repetirem e se confrontarem, sem que, contudo, até aqui, se chegasse a alcançar a supremacia de nenhuma delas – forçoso desejar e esperar que a virtude venha a prevalecer e a ser o cunho da humanidade que, intimamente, anseia por libertar-se das provas e expiações, ou quaisquer sejam as denominações dadas aos sofrimentos e dificuldades com que ainda se depara.

Lamentavelmente temos que admitir, diante dos fatos atuais, que o cunho do vício ainda vigente na humanidade, em suas “N” modalidades, encerra uma quantidade de decisões, comportamentos, experiências e implementações desastrosas, maléficas, cruéis, para quem as pratica e para os que se acham sujeitos a essas práticas. É assim que se originam e crescem as desigualdades sociais, os preconceitos de todo tipo, as arbitrariedades, os abusos de autoridade, a exploração de criaturas em situação de precariedade e sem defesa...

Ainda com Lázaro temos a citação de que:

“A virtude da vossa geração é a atividade intelectual, seu vício é a indiferença moral (...) Digo atividade, porque a atividade é a reunião de esforços de todos para atingir um alvo menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época.”

Percebe-se nessa citação, ao frisar que os esforços eram para atingir um alvo menos brilhante, mesmo denotando elevação intelectual, que a indiferença moral era a tônica – assim como ainda hoje, de um modo geral... os avanços intelectual, tecnológico, técnico e científico da humanidade, nesses últimos anos, foram espantosos e processam-se cada vez mais rapidamente enquanto, infelizmente, a indiferença moral segue estagnada, sem que esses avanços a tenham enfraquecido ou debelado.

Muitos de nós argumentaremos que a lei de progresso é inevitável e que progrediremos, mais cedo ou mais tarde. Verdade – o problema é que, se não podemos evitar o avanço do progresso, podemos atravancá-lo, retardá-lo. E temos ainda que considerar que nós, seres pensantes, podemos avançar nos dois sentidos: na virtude ou no vício, em conformidade com as tendências que prevaleçam em nosso íntimo.

No presente estágio evolutivo, o cunho de virtude é um complexo conjunto de atitudes, formando uma característica que, em princípio, implica na extinção do interesse pessoal, pai do egoísmo e do orgulho, como nos ensinam os bons Espíritos. A partir do momento em que compreendemos tratar-se, conseqüentemente, de uma construção, de trabalho persistente, perseverante, exigindo constante esforço, iniciaremos a formação paulatina e gradativa da implantação desse cunho virtuoso, primeiramente no indivíduo e, sem seguida, no grupo social formado pelos indivíduos transformados.

Essas considerações de Lázaro estão contidas no texto sobre obediência e resignação, em que as designa como virtudes companheiras da doçura... E quão poucos de nós já desenvolvemos doçura suficiente para bem compreender a obediência e a resignação... Obedecemos ainda, de um modo geral, sob constrangimento, seja externo ou mesmo interno, devido a nossos sentimentos de culpa e de medo, cultivados por milênios. E, resignação, trata-se ainda, com freqüência, de sensação de impotência, de submissão, diante de algo que, embora queiramos, não conseguimos mudar ou evitar.

Todavia, mesmo em face de tudo isso, da nossa rebeldia e da nossa inconformação, mesmo em face a todas as dificuldades, escolhos e obstáculos que semeamos no nosso caminho, chegará o dia em que, depurada a nossa atividade intelectual pelo

senso moral desenvolvido, venceremos a indiferença, conquistando a docilidade e a paciência para conosco e para com os demais, em todas as situações e condições e, assim, alcançaremos a possibilidade de estabelecer o “reino de Deus” entre nós, aqui na Terra.

Doris Madeira Grandes

Fonte: correioespirita.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Fora da Caixa

O Que Acontece Por Aí



Seja um ser humano melhor! Desenvolva virtudes. Palestras gratuitas sobre o tema:

Resiliência: https://youtu.be/iDPZJ1_nxbA

Fraternidade: <https://youtu.be/e7d7EKRxR50>

Amor: <https://youtu.be/QWiNKqHn7DA>

https://youtu.be/MbofNoF_Pgg

https://youtu.be/MbofNoF_Pgg

<https://youtu.be/ER4fGcZLRdY>

Generosidade: <https://youtu.be/cf8gDtjMMEc>

Beleza: <https://youtu.be/nRhDpAObf7k>

<https://youtu.be/6niePYLYtNg>

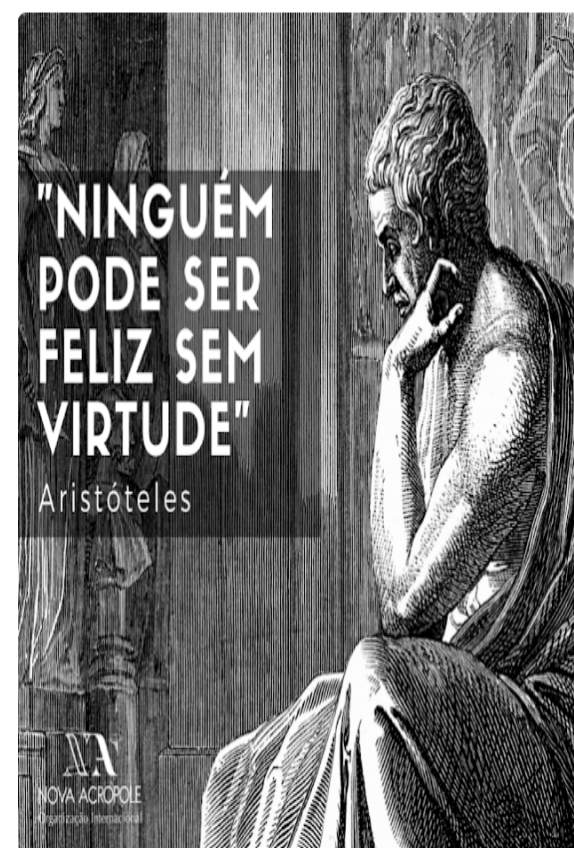
<https://youtu.be/cj3CwKoUTtU>

A Beleza das virtudes: https://youtu.be/2_ArC4fGchY

Gentileza: https://youtu.be/iDPZJ1_nxbA

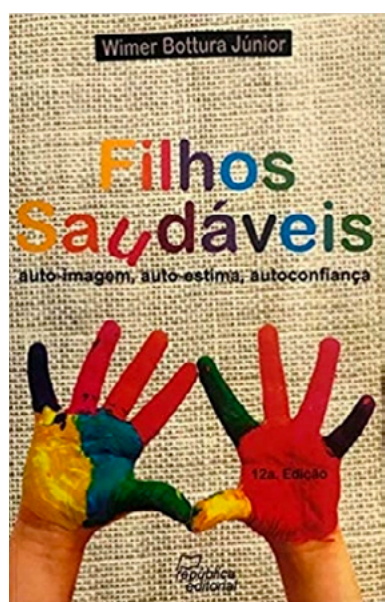
Vida moral segundo Sócrates: <https://youtu.be/D20QU9mYh7I>

Vontade: <https://youtu.be/zF4TQyjAOm0>



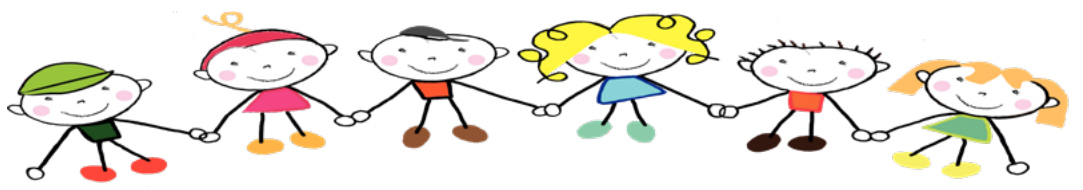
Dica de Livro:

Filhos Saudáveis: Auto-Estima, Auto-Imagem e Autoconfiança



Com a evolução da medicina moderna, podemos ter a certeza que antigas moléstias que grassavam no mundo espalhando morte e dor foram definitivamente erradicadas e que a longevidade do ser humano aumentou. No entanto, inúmeras doenças crônicas surgiram ou se agravaram, resultante de um estilo de vida também moderno. Suas causas podem estar em fatores não só físicos, mas psicológicos. Neste livro, Dr. Wimer Botura Júnior demonstra como a transmissão da auto-imagem, da auto-estima e da autoconfiança na educação de nossos filhos é essencial para promover uma vida melhor e mais saudável. Estes três elementos em conjunto e equilibrados atuam como verdadeiras vacinas, imunizando contra males que, pior que vírus ou bactérias, prejudicam o completo desfrute da alegria de viver, podendo inclusive provocar muitas doenças.

Para a Criançada!



As férias de julho podem ser um bom momento para passar um tempo ao ar livre com os pequenos. Quem mora em cidades grandes encontra, no contato com a natureza, uma ótima forma de reabastecer as energias e se preparar para o próximo semestre. Pensando nisso, a Canguru News preparou uma lista de destinos próximos a São Paulo que possuem muito espaço aberto com áreas verdes para fazer escapadas da capital. Confira!

<https://cangurunews.com.br/ferias-de-julho-destinos-sao-paulo/>

Normose: o que é ser normal, afinal?

Saiba se você possui sinais da patologia da normalidade, e como superá-la!

Iniciando nosso diálogo, gostaria de trazer à tona esse conceito interessantíssimo amplamente discutido por Pierre Weil, a normose.

Mas o que é isso?

Normose é a patologia da normalidade. Sim, isso mesmo.

Pensamos sobre o que é ser uma pessoa normal e, posso dizer, que estamos intimamente sempre nos medindo de acordo com essa fita da normalidade que buscamos apreender das relações, pelo olhar e aprovação do outro.

O normal é o mais frequentado socialmente, são os padrões de comportamentos esperados, os sentimentos esperados... Enfim, **é um parâmetro externo**, aprendido de fora para dentro, que nunca foi questionado e que pode ter bases inconscientes profundas.

Normose: a doença do século

Você e eu fomos programados culturalmente para não pensar por si mesmo.

Não questionar, mas seguir o que foi imposto pelo meio. Afinal, “a vida é assim mesmo”.

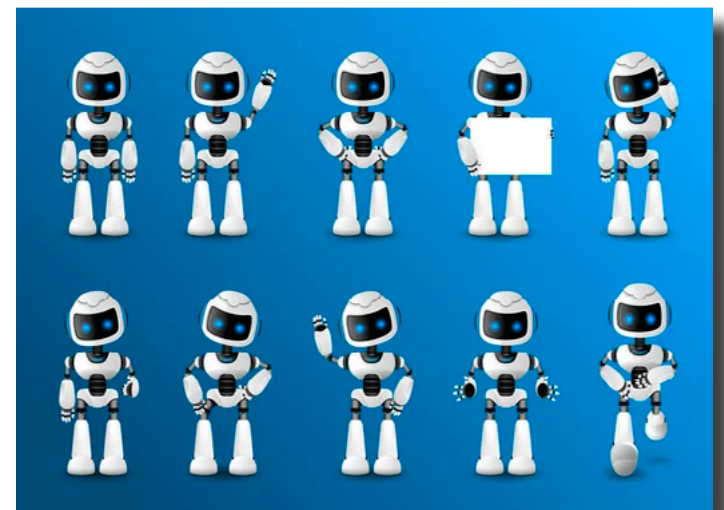
Seu corpo foi dissociado de sua mente, tendo a mente (que nunca foi sua de verdade, mas das autoridades culturais) predomínio sobre o corpo (reduzido a simples aglomerado de carne e gordura, inconveniente pelas sensações que produz e pelo peso que é capaz de acumular).

Você, que é natureza, foi trancafiado dentro de um bloco de concreto, e ensinado a sentir medo do outro, medo da natureza, medo de si mesmo e assim, passou a não se perceber mais como natureza.

Você foi ensinado a ganhar dinheiro, sem se perguntar para quê, como, a troco de quê.

Te ensinaram que homem para ser homem tem que fazer assim e mulher tem que ser daquele jeito.

Você não foi encorajado a olhar para dentro de si mesmo e valorizar a verdade que falava lá no fundo. Não foi ensinado a prestar atenção nos seus sentimentos, sensações e intuições.



Apenas o intelectual foi valorizado e incentivado, mas, é claro, desde que respondesse aos interesses externos. E assim, nos tornamos normóticos, robóticos e programados.

Nosso objetivo não é existir plenamente, e sim, nos tornarmos iguais aos outros, normais. Faz sentido para você?

Esse fenômeno é social.

Não adianta culpar os pais e avós, pois eles também estavam imersos nessa ideologia da normalidade e fizeram o melhor que puderam.

Você está tendo uma nova oportunidade de mudança lendo esse artigo. Então:

“Portanto, se nossa família humana se extinguir, se o barco onde todos estamos afundar, não terá sido pelos psicóticos nem pelos neuróticos, mas pelos normóticos que fomos!

O grande perigo atual, a grande ameaça global se chama normose.

Precisamos de pessoas esquisitas [...]”.

(WEIL, P; LELOUP, JY; CREMA, R. Normose, a patologia da normalidade. 4.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.34.)

Essa questão me faz lembrar do pensamento de Friedrich Nietzsche de que a humanidade estaria se encaminhando para a formação de dois homens:

- 1- O último humano;
- 2- O além-humano.

O primeiro, completamente alienado de si mesmo, normótico, assiste sua vida passar enquanto se distrai dela. E o segundo, o além-humano, faz da sua vida uma obra de arte, realizando seu potencial.

A civilização não resistirá ao último humano, de acordo com o filósofo.

“Que é amor? Que é criação? Que é nostalgia? Que é estrela?

– Assim pergunta o último homem, e pisca os olhos.

A Terra se tornou pequena, então, e sobre ela saltita o último homem, que torna tudo pequeno.

Sua estirpe é indestrutível, como a pulga; o último homem é o que vive mais tempo.

Nós inventamos a felicidade – dizem os últimos homens, e piscam os olhos.

Nenhum pastor e um só rebanho! Todos querem o mesmo, todos são iguais.

Quem sente de outra maneira vai voluntariamente para o hospício.

Temos nosso prazerzinho para o dia e nosso prazerzinho para a noite, mas prezamos a saúde.

Nós inventamos a felicidade, dizem os últimos homens, e piscam os olhos.”

(Nietzsche, Friedrich. Assim Falou Zaratustra. Prólogo; em KSA. Vol.4, 1994, p19.)

Momento de reflexão

Leia, agora, um conto, presente no livro *Normose: a patologia da normalidade*, de Jean-Yves Leloup, Pierre Weil e Roberto Crema:

“Num certo monastério, as pessoas fofocavam demais.

E isso estava ficando insuportável, levando todos a um estado de infelicidade. Todos julgavam todos, não havia mais confiança.

O diretor-geral do monastério resolveu procurar um sábio ermitão.

Ao chegar a esse sábio, ele contou sua tragédia:

Na minha cidade da paz, todos estão brigando, todos estão contra todos. O que eu posso fazer?

O sábio olhou para ele e disse:

Eu sei qual é o problema. É que Buda está escondido e disfarçado de um de vocês.

Encantado, o diretor voltou para o monastério se perguntando:

Será que Buda se disfarçou do nosso jardineiro? Mas ele é tão distraído!... Será que é o carpinteiro? Será que...?

Lá chegando, reuniu a todos para dar a boa notícia:

Nosso problema é que Buda se disfarçou em um de nós!

Todos se entreolharam, com um novo olhar. E a partir desse momento a paz retornou a esse monastério”.

Como superar a normose e valorizar meus potenciais?

Proponho a você que faça alguns questionamentos para detectar a normose em você!

Afinal, não adianta nada fazer uma análise completa do outro, pois só temos o poder real de mudarmos a nós mesmos...

Imagine-se livre em todos os sentidos e pergunte à sua alma:

» O que eu realmente gostaria de estar fazendo nesse exato momento?

»Quão longe eu estou dessa atividade que eu gostaria de estar fazendo agora?

»O que me impede de fazer essa atividade?

»De 0 a 10, o quanto eu tenho medo de ser julgado por outras pessoas ao fazer o que eu realmente gostaria de estar fazendo agora?

»Essa atividade incomodaria alguém? Quem?

»De 0 a 10, quão normal eu acho que eu sou?

»De 0 a 10, o quanto eu tenho medo de ser vista como uma pessoa estranha?

Raquel Supra

Fonte: guiadaalma.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



O curitibano Paulo Leminski (1944-1989) usa versos curtos e rápidos para celebrar a amizade, a troca, o intercâmbio entre pessoas que estabeleceram um laço estreito de companheirismo e partilha.

O poema que começa e termina falando de um gesto físico (o dar a mão), aborda justamente esse entrelaçar: o que recebemos dos amigos e guardamos dentro de nós e a nossa parte que deixamos nos amigos.

Amizade, de Paulo Leminski

Meus amigos
quando me dão a mão
sempre deixam
outra coisa
presença
olhar
lembrança, calor
meus amigos
quando me dão deixam na
minha
a sua mão

Passamos a vida tentando aprender a ganhar. Buscamos cursos, livros, milhares de técnicas sobre como conquistar bens, pessoas, benefícios, vantagens. Sobre a arte de ganhar existem muitas lições, mas e sobre a arte de perder? Ninguém quer falar a respeito disso, mas a verdade é que passamos muito tempo da nossa vida em grande sofrimento quando perdemos bens, pessoas, realidades, sonhos. Temos mil razões para sonhar, mas quando perdemos nossos sonhos não deveríamos perder a razão. Vivemos buscando discursos que nos mostrem Como ganhar: Como conquistar O amor Da nossa Vida, O trabalho Da nossa Vida. Acredito, porém, que ninguém se inscreveria num curso que se chamasse: "Como perder bem" ou "Como perder melhor na vida". No entanto, saber perder é a arte de quem conseguiu viver plenamente se ganhou um dia. Cada perda existencial, cada morte simbólica, seja de uma relação, de um trabalho, de uma realidade que conhecemos, busca pelo menos três padrões de sentido. O primeiro diz respeito ao perdão, a si mesmo e ao outro. O segundo é saber que o que foi vivido de bom naquela realidade não será esquecido. O terceiro é a certeza de que fizemos a diferença naquele tempo que termina para a nossa história, deixando um legado, uma marca que transformou aquela pessoa ou aquela realidade que agora ficará fora a sua vida.

Ana Claudia Quintana Arantes

Fonte: Livro *A morte é um dia que vale a Pena*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

